

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1902

N.º 93

Dr. Manoel Victorino Pereira



Antigo Vice Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

† no Rio de Janeiro a 9-11-1902

O illustre homem publico que o Brazil acaba de perder, era sem duvida uma das glorias mais puras do Brazil moderno. Devenido tudo ao seu trabalho contante, illuminado sempre por contemplos arrastadas e um grande talento, conquistou pouco a pouco a forca da vontade e alta posicao que occupa no parlamento e na politica do seu pais. Foi a habia que lhe deu o brio, essa fertilissima provincia exuberante de pittoresco e cujas montanhas alcançadas e rios impetuoso parece terem empastado ao cervello d'esse grande, porque o foi e muito grande, todas as erudicoes de uma natureza privilegiada e incruentante. Quando, aos 27 annos, recebeu o diploma de medico pela Faculdade de Medicina da Bahia, travou logo de se preparar para o concurso que lhe abriase como lente na portia do estabelecimento academico que o formara. Tere de competir com alguns dos melhores bahaenos mais distinctos, mas todos vencu, entrando como lente e de Allemanha, dispensava o seu espirito a estudos de medicina e cirurgia, obtendo, em pouco tempo, o diploma de doutor em medicina. Acompanhando a campanha abolicionista langou o em 85 na vida de jornalista, e recebeu em 1883 a Faculdade de Medicina da Bahia, no congresso medico reunido em Belem no Rio de Janeiro; meses depois era nomeado governador da Bahia, e a sua administração foi digna porque muito havia a fazer, e elle fez quasi tudo. Eclito senador, deem-recebu emto tudo o seu valor politico que, na elegão de 90, recebeu o testimonio da admiração dos seus contemporaneos sendo eleito vice-presidente da Republica. O dr. Victorino Pereira, cujo funeral foi uma epocha e do qual damos hoje uma gravura tirada na occasião do prestito habir de sua casa, era nas complexas manifestações do seu talento um homem superior.

Atravez da Arte

Ao Brasil

E' hoje para vós um dia d'alegria.
E, assim, p'ra nós de festa este formoso dia...
O sol escaldia mais e o peito sente mais
Abençoando a terra onde nosso paes,
Partindo d'esse Tejo amado, que além foge,
Ergueram uma cruz n'um dia como o d'hoje!

Poi de certo uma cruz feita de duas palmas,
Nunca a cruz d'uma espada; eramos duas almas,
Que a nossa intrepidez e a nossa fé reunia;
Não podia haver sangue, era tudo harmonia.

Devia ser assim esse dia bendito,
O ceu também azul, o mar também afflicto...
Vejo perto da praia as nossas caravelas,
E por detraz do sol as fulgentes estrelas,
Que, seculos p'ra além, uma nação inteira
Havia de beijar sobre a sua bandeira.

Um immenso areal... A distancia, a paisagem,
E frescos fructos d'ouro embalhando a aragem...
Os seus rios de prata; os seus formosos montes
Em que eram boccas de mulher todas as fontes...
Os passaros cantando uma canção dorida
Até então, p'ra nós, ainda desconhecida...
A benção do Senhor illuminando o ar...
E todo o ceu e todo o sol e todo o mar,
Uma vez essa joia esplendida encontrada,
Beijou na nossa bocca a terra abençoada!...

O' formoso Brasil das mais lindas palmeiras,
Onde ha amor como é o amor das brasileiras?
Primavera melhor que a vossa primavera,
Sempre uma rde ao luar, sempre uma sombra á espera?!

O' soberbo Brasil do trabalho constante,
Eternamente progressivo e triunphante!
De brucos sobre a terra auscultante um thesoiro;
Mettem-se as mãos na terra e veem cheias d'oiro!...

Brasil do ceu azul e dos pontes de rosa!...
Brasil onde se falla a lingua mais formosa!...
Brasil dos lagos refrigerantes como espelhos!...
Brasil onde Camões se escuta de joelhos!
Brasil da Liberdade, ha annos conquistada
Apenas co'um clarão, sem tingir uma espada!...
Brasil das lyras d'oiro onde tudo suspira,
Um sonho em cada corda, uma alma em cada lyra!...
Brasil do amor! Brasil da fé! Brasil da esperança!
— Um gigante que nós conhecemos creança! —

Lembra-me um episodio, ha muitos annos dado,
N'uma guerra em que andou esse Brasil. D'um lado
O passado e do outro a gente nova e crente.
O sol enchia o ceu e a alma de toda a gente...
Travou-se a lucta; Deus fugiu á sua guarda,
Mas tanto com os seus são nossos corações,
Que a bala que voutu da primeira espingarda
Veio bater d'encontro ao peito de Camões!
Eu lá vi esse seio immenso esburacado;
Accusava essa bocca uma angustia secreta;
Mas todo o nosso amor n'aquelle olhar sagrado
Enchia de perdão os olhos e toda a fronte!
Irmãos na paz, irmãos na guerra, irmãos na arte,
Irmãos sempre na vida, irmãos sempre na morte,
Não ha hoje ninguem que as nossas mãos aparte
Nem estrella que mude agora a nossa sorte!
E como isto contenta e alegre a nossa historia!
Como o meu coração, de joelhos, se alvorça!
Teve elle hontem por gloria a nossa granja gloria,
E hoje a sua gloria immensa é já a nossa!...

Dão-me horas p'ra escrever sobre esta immensidade!...
Ha um poema a fazer, soberbo de verdade
D'heroismo e justiça e força e de belleza
Sobre esta terra irmã da terra portugueza!
Tem-se no coração; mas como nosa de dar
Em horas, sem ter tempo a tinta d'enxugar?!

A cada instante a penna heita e treme o braço;
Uma pagina é pouco, é necessario o Espaço!...
Os versos tem d'ouvir seus passaros cantar
E ouvir o vento, pelas selvas, p'ra rimar...
Os bambus hão de dar-lhe as suas curvas bellas,
Hade enche-las a luz d'essas outras estrelas...
E' preciso sentir o seu sol na cabeça,
Andar-lhe junto ao mar, fazer uma promessa
D'amor ao seu luar, olhar seu firmamento,
Guardar seu sol, ver a sua arte, ouvir seu vento,
Olar, sentir, chorar, soffrer, viver e ter,
Ao fim tudo p'ra dar e tudo p'ra dizer!...

Portuguezes, que estaes n'essa sagrada terra,
Não vos julgueis no exilio; esse Brasil encerra
Muito de nós, do nosso sangue e nosso ardor;
Vossa saudade chega aqui mudada em amor!...
Olhae p'ra os montes e vereis nossas capellas
E o nosso Deus e as nossas crencas dentro d'ellas...
Tudo é perto de vós, nada fica distante...
Não ha arvore aonde um passaro não cante,
Sítio onde passe o coração que lá não fique...
Esse sol é o sol d'Aljubarrotta e Ourique...
Têm suspiros d'Ignês as suas lindas fontes...
Fallam de Viriato os pincaros dos montes...
Santa Isabel deixou cair do seu reago
Essas rosas que vós vedes a cada passo...
Os rios que lá vão deslizando em socoço
Têm o oiro do Tejo e o canto do Mondego...
São amigas do Gama as ondas d'esse mar...
Mariana escreveu á luz d'esse luar...
A casa de Marília — a habitação divina! —
Tem suspiros que teve a nossa Catharina!...
Desfaz-se a noite e vem, em lagrimas, a aurora?
E' Bernardim que chora, é João de Deus que chora...
Ouve-se um sino ao longe? é o da vossa aldeia...
Brilha uma luz distante? é a da vossa candeia...
Fallaes d'amor a algum, sob a noite estrelada?
Quem está junto a vós é a vossa conversada!
Ha victoria? E' Dom Nuno! A morte vai chegar?
E' Dom Sebastião a morrer devagar!
E, se vos toma o peito uma soberba esperança,
E o velho Portugal e o Brasil creança,
Nuno e David, de mãos dadas, a avançar,
Tomando a terra e tendo, aos seus pés, todo o mar!

Vossa saudade expira; é nada o vosso mal...
Quando uma terra é grande é sempre Portugal!

15 de Novembro.

Guedes Teixeira.



RODOLPHO SCHOMAKER

Agricultor e chimico distinctissimo, deve-se-lhe em circumstancias curiosas o descobrimento do celebre formicida, a que deu o seu nome, invento de resultados extraordinarios para a agricultura. Vogal do commisso scientifico, que de Inglaterra partiu em 1868 sob a direcção do lord Derby em viagem á volta do mundo, voltou duas vezes ao Brasil e tanto o encantou a fertilidade do solo brasileiro que em 1878 se estabeleceu definitivamente na America do Sul, explorando a agricultura. Foi então que, luctando com os graves prejuizos causados pela formiga no desenvolvimento das suas culturas europaeas, pensou logo em combater o terrivel inimigo. Graças aos seus estudos de chimica, procurou estudar os dicerros formicidas existentes. Applicou todos mas nenhum lhe foi effezaz. Não desanimou e, chimico notavel como era, ao fim de seis annos de luctações e investigações scientificas conseguiu preparar um exterminador infalivel da formiga, como é hoje reconhecido por todos, o "formicida Schomaker", que o tornou um verdadeiro benemerito para a lavoura brasileira.

O funeral do Dr. Manoel Victorino Pereira



A saída do prestilo da casa da rua das Laranjeiras n.º 16 para o cemitério de S. João Baptista

O NOVO MINISTERIO BRASILEIRO



Dr. Rodrigues Alves
Chefe do governo



Lauro Muller
Ministro da Viação



Dr. Leopoldo de Bulhões
Ministro da Fazenda



Contra-almirante Julio Cesar de Noronha
Ministro da Marinha



Barão do Rio Branco
Ministro do Exterior



Dr. José Joaquim Seabra
Ministro da Justiça e Interior



Marechal Francisco de Paulo Argollo
Ministro da Guerra

O novo Ministerio Brasileiro

Os seis homens escolhidos pelo dr. Rodrigues Alves para comporem o seu primeiro ministerio, tem todos mais ou menos um nome conhecido.

Ministro da fazenda — *Dr. Leopoldo de Bulhões* — Tem 45 annos e nasceu em Goyas onde durante muito tempo foi o chefe politico do partido liberal aliado no tempo do Imperio. Formado em direito pela faculdade de S. Paulo, foi em 1882 eleito deputado pela sua provincia natal, depois de uma lucta renhida, que se repetiu em eleições seguintes, sempre com victoria para elle, tal era a popularidade que tinha, e que nunca até agora diminuiu. E' seu, o projecto da reorganisação do Banco da Republica. Em 1894 foi eleito senador pelo seu Estado relatando projectos importantes como o da reorganisação do Tribunal de Contas. E' um espirito calmo e reflectido, recto e justo, desprezicioso e modesto, conhecido como pouco de todas as questões financeiras do seu pais o que naturalmente o induziu para assumir a gerencia d'essa importante pasta.

Ministro da justiça e do interior — *Dr. Jos. Joaquim Seabra* — E' mais velho dois annos apenas que o seu collega da fazenda. Nasceu na Bahia, e é doutor em sciencias juridicas e sociais pela faculdade do Recife, onde o seu curso foi distinctissimo.

No tempo do Imperio foi conservador e dissidente, pleiteando então a favor da abolição da federação, em opposição ao programma do seu partido. Aos 24 annos era lente de direito em Pernambuco. Nunca accetou nenhum cargo administrativo, ou de eleição durante o Imperio.

Proclamada a Republica foi eleito deputado constituinte em 1890, filiado-se na politica do marechal Deodoro. Na queda d'este fez opposição aberta ao marechal Floriano Peixoto, sendo então *leader* da opposição na camera. Foi elle quem denunciou o presidente Floriano, requerendo processo de responsabilidade, que lhe foi negado.

Em abril de 1892 foi deportado para Cutchy, sendo amnistiado no mesmo anno.

Em 5 de setembro de 1893 embarcou no *Aquidauan* com o almirante Custodio José de Mello, na véspera da revolta.

Deixára de ser deputado no triennio de 1894 a 1896, mas foi reelito no seguinte. Foi sua a moção que originou a scisão do partido republicano federal.

A sua attitudo e o seu trabalho no parlamento destacou singularmente a sua estatura politica, a ponto de ser o *leader* da ultima maioria durante o governo do dr. Campos Salles em cuja defecção se tornou saliente. Como orador é notabilissimo pelos fulgores do talento e como politico pela energia dos seus actos.

Ministro da viação — *Lauro Muller* — Este é o mais novo de todos os ministros, pois apesar de tenente-coronel d'engenharia e lente da escola superior de guerra tem apenas 39 annos. Filho de paes allemães, destacou-se logo no curso militar pelo talento prompto e vivo. Foi governador do Estado de Santa Catharina em 1889, deputado de 1890 a 1899, senador em 1900, até o anno passado em que foi eleito governador d'aquelle Estado. Foi como o seu collega do interior um grande adversario politico do marechal Floriano, atacou violentamente o dr. Prudente de Moraes depois da scisão do partido federal, e defendeu com enthusiasmo a administração do dr. Campos Salles. Orador, distinguirse pelo humorismo que fez d'elle tambem um jornalista espirituoso e brilhante, e um homem muito sympathico e amavel.

Ministro da guerra — *Marechal Francisco de Paula Argylo* — Tem 55 annos, nasceu na Bahia, e pertence a uma familia que deu ao Imperio generaes de renome. Com 19 annos apenas, sentou praça como voluntario fazendo toda a campanha do Paraguay, praticando actos de bravura que o confirmaram alfores em 1848, o promoveram a tenente um anno depois, e lhe deram o posto de capitão em 1871. Em 1876, concluiu o curso de infantaria, sabendo major em 1888, tenente-coronel e coronel em 1890 tudo por merecimentos. Em 1893, já general de brigada, commandou uma brigada em operações de guerra ao sul do Paraná e depois a divisão em Netheroy, conquistando para a Republica a gloria de 9 de fevereiro. Esse converção-se sempre fiel a Floriano. E' general de divisão de ha dois annos e marechal desde 24 de outubro de 1898, pela segunda vez a pasta da guerra, pois serviu com o dr. Prudente de Moraes.

Ministro da marinha — *Contra-almirante Julio Cesar de Noronha* — Tem 57 annos e um passado brillantissimo que o torna honra da marinha brasileira. No tempo do Imperio foi agraciado com o titulo de conselheiro, por serviços scientificos prestados. Polygloto, de grande cultura litteraria, tem tido as mais notaveis commissões como ajudante general da armada, inspector do arsenal da marinha, director da escola naval, membro do conselho naval.

Já exercera interinamente a pasta que hoje occupa, no governo de Floriano. Como official fez a campanha do Paraguay, tendo assistido, quando guarda marinha, ao combate naval de Riachuelo, a bordo da fragata *Amazonas*. E' irmão do contra-almirante Carlos Frederico de Noronha e fez parte da comitiva do dr. Campos Salles, na visita á Republica Argentina.

Ministro do exterior — *Barão do Rio Branco* — E' uma das figuras mais distinctas da diplomacia brasileira. Filho do visconde do Rio Branco, autor da lei do *Ventre livre* e antigo presidente do conselho no tempo do Imperio, o novo ministro tem hoje 57 annos. Natural do Rio de Janeiro formou-se em sciencias juridicas e sociais seguindo a carreira consular. E' um jornalista de valor.

Em 1892 foi nomeado pelo marechal Floriano Peixoto, advogado do Brasil na questão de limites com a Argentina (territorio das missões). E' digno de nota o seu trabalho de geographia historica (em 7 volumes) apresentado ao presidente dos Estados-Unidos, e que teve sentença favoravel.

Em 1897, o dr. Prudente de Moraes nomeou-o advogado, perante o arbitro, que era o conselho federal da Confederação Helvetica, as ques-

ções dos limites contestados na Guyana franceza. A sentença foi o que devia ser — favoravel. Em 1900 foi nomeado ministro em Berlim, votando-se por essa occasião na camera, pelos seus relevantissimos serviços, um premio de 200 contos de réis.

O barão do Rio Branco ha annos um resumo da historia do Brasil, trabalho reputado e mais exacto até hoje feito, e que foi destinado á Exposição Universal de 1889. E' autor de uma carta geographica do Brasil, muito interessante, e tem em preparação um livro, de que os seus intimos dizem maravilhas, e que trata das batalhas navas do Brasil alcançando os primeiros tempos colonias.

Tem dedicado os melhores annos de sua vida ao estudo do direito internacional, geographia, historia, geologia, ethnographia e linguas, sobretudo indigenas.

O barão do Rio Branco tem ao sobraçar a pasta do exterior, uma missão espinhosa a resolver — a questão do Acre. Cremos até que foi ella quem levou o dr. Rodrigues Alves a convidal-o para entrar no ministerio.

Attribue-se ao actual presidente da Republica esta phrase, que ficará: — Chamo para a cabeceira do doente o primeiro clinico do Brasil — o Rio Branco.



o Natal do Imperador

(1811)

ESTAMOS na véspera do Natal de 1811 e, desde as dez horas da noite, Napoleão trabalha sózinho no seu gabinete do palacio das Tulherias.

O quarto vastissimo é quasi ás escuras. Aqui ou ali, na sombra, luzem indesejavelmente alguns objectos dourados, a moldura d'um quadro invisivel, as duas cabeças de leão ornando os braços d'uma poltrona, uma pesada borla de cortina. Soa o quebraluz de metal, as veias de cera dos dois candelabros alumiam apenas a vasta mesa atulhada de mappaes e de espessos registos de marroquim verde timbrados pelo N e uma corôa.

Já lá vão quasi duas horas que o Amo começou trabalhando e, sobre as cartas geographicas e sobre as ordens do exercito, inclina a fronte enorme atravessada por uma farriga negra, a fronte pesada por tanto pensar, pesada como o mundo em cuja conquista scisma.

O atlas aberto são mappaes da Asia; e a mão do Imperador — nervosa, feminina, linda — procura lentamente com o index, longe, através da Persia, o caminho do Indostão.

As Indias, sim! Assim por terra? E porque não? Vencida, destruida, folhe a armada, e o conquistador não tem outro caminho a seguir para, sob as palmas das mattas fabulosas, seguir pelas agulhas cujo oiro scintilla entre o aço das bayonetas, ir ferir a Inglaterra em pleno coração, seja em seu imperio colonial, o seu theatro.

E' grande como Cesar ou Carlos Magno, quer sel-o como Alexandre. Não o amedronta o sonho. Já conhece o Oriente, já lá deixou apoz si uma lenda immortal. Vi-o o Nilo um dia, general magro, de longos cabellos, montado n'um dromedario. A' beira do Ganges para o possante Imperador de sobrocaena cinzenta ser preciso o elephante de Poró. Bem sabe elle como se levam os povos, como estes se fanatizam. Ali commandará soldados de tez de bronze e turbantes de brancas musselinas; verá, de mistura com seu estado maior, rajahs rutilantes de pedrarias; e ha de interrogar sobre seus destinos d'elle os idolos monstruosos erguendo os dez braços acima das mitras de diamantes, já que no Egypto a míngua de granito, de nariz chato, ante a qual scismou com as mãos apoiadas no sabre curvo, não quiz desahafar o segredo.

Imperador da Europa! Sultão da Asia! Eis os titulos que lhe háo de gravar no mausoleo.

Um obstaculo só: a Russia immensa!

Mas já que não pode fixar a fluctuante amizade de Alexandre, ha de vencer-o. E a pequenina mão do Imperador folheia avidamente os grossos volumes verdes, as listas que lhe contem com a approximação d'um homem, os effectivos do enorme exercito que se va accumulando para os lados do Niemen. Deixa-o, ha de vencer o autocrata do Norte, ha de arrastar o tzar vassallo, seguido pelos bandos de seus cavalleiros selvagens, á conquista do Oriente.

Imperador da Europa! Sultão da Asia! Não é obra superior a seus desejos, ao seu genio. E, logo que o haja fundado, não está ariscado o poderoso imperio a ser dividido em dia pelos seus tenentes como aquelle do Macedonio. Desde o dia vinte de março, Napoleão tem um filho, o herdeiro de sua gloria e poderio; e dilatam-se

n'um bello sorriso os labios do Imperador, ao lembrar-se de que a criancinha dorme ali, ao pé d'elle, no paço silencioso.

Mas de repente ergue a cabeça com um movimento de surpresa. Ao gabinete tão cerrado e cujas espessas cortinas estão corridas, como chega aquelle extranho e profundo murmurio? Parece que as gordas abelhas d'ouro bordadas na seda das tapeçarias se puzeram todas a zumbir. O Imperador escuta com mais attenção e logo no rumor distingue umas vibrações de bronze.

"Ah! sim!... Dia de Natal... A missa do gallo!",

São effectivamente os sinos de todas as igrejas de Paris que celebram o nascimento de Jesus — os sinos que Bonaparte em tempos tornára a collocar em todas as torres e campanarios, quando, consual pacificador, reconciliava na França tantos irmãos inimigos.

Quanta vez não se agitaram elles em sua honra para um glorioso *Te-Deum*? E como, ha poucos mezes ainda, repicavam e repicavam, no dia do nascimento da Rei de Roma, data memoravel, quando o óco, concedendo um filho ao hero, parecia estar de accordo com elle, reconhecendo-lhe a legitimidade da obra, prometendo lhe a duração!

Mas nesta noite, tão alegres e triumphaes como por Austerlitz ou Wagram, tocam pela noite fria e clara, em honra d'uma humilde criança, do filho do carpinteiro, nascido nas palhas d'um presepio, ha tanto tempo, enquanto vozes misteriosas clamavam nos espacos do firmamento estrellado: "Gloria a Deus e paz sobre a terra!",

O Imperador escuta os sinos do Natal. Sonha, lembra-se de sua infancia obscura e selvagem, da missa do gallo que dizia na cathedral de Ajaccio seu tio o arcebispo, da volta da numerosa familia para a velha habitação, testemunha de tanta pobreza levada com nobre orgulho e da belleza patricia de sua mãe presidindo á ceia frugal em que se comiam castanhas. O filho d'elle, o filho do Imperador victorioso e da archiduzesza d'Austria nunca ha de conhecer misérias d'essas e ha de ser senhor do mundo.

Fóra, pela noite gelada, os sinos continuam a repicar, que ó noite de Natal.

A porta das Tulherias, o soldado resmungão com uma barretina de pélos, passando com furioso passo largo defronte da guarita para aquecer os pés, recorda-se talvez n'esse momento d'uma oração ou d'um cantico, que em tempos aprendeu de cór, lá na aldeia, ao pé da mãe, e sorri, cheio de ternura, sob o farto bigode, ao lembrar-se do Menino Jesus no presepio. O Imperador nem ouve o chamamento dos sinos; só se lembra do filho e dá-lhe de repente um desejo irresistível de ir vê-lo.

Levanta-se e bate as palmas. Logo se abre uma porta occulta na tapeçaria. Aparece Roustan. A um signal do amo, pega n'um dos candelabros e o Imperador aluminao pelo fiel mameluco, vai, atravez dos corredores desertos, direito ao quarto do pequenino rei, entra, despede com um gesto a ama e as criadas acordadas de repente e fica de pé em frente do berço do prodigioso recém-nascido.

O Rei de Roma dorme profundamente. Na alvura do linho e das rendas atravessadas pela fita da legião d'honra, põem duas manchas de carne infantil e rostosinho gentil d'olhos fechados, meio enterrado no travesseiro e uma das mãos muito pequenina, papuda, adoravel, que descança sobre a colcha: e sobre toda aquella candura, aquella pureza e tanta innocencia de criança n'um berço, a longa fita de seda escarlate passa como um rio de sangue, o rio de sangue que vai derramar-se na esperança que um dia aquella cabeça tão debil sustente o mais pesado dos diademas, que aquella mãosinha, agora tão delicada como uma flôr, empolgue mais tarde um feixe enorme de sceptros.

Napoleão olha para o filho. Pensa — e nunca a soberba humana mais deliciosamente acarinhou um coração — que os grandes dignitarios da sua corte, seus generaes mais illustres que os heroes de Homero, seus ministros e seus senadores cheios de galões d'ouro, inclinam-se ante aquelle berço e tremem de respeito e que até os proprios jacobinos renegados e os velhos regicidas, que vestem agora a libré imperial, mal se atreveriam a ambicionar o favor de beijar aquella mãosinha infantil.

O Imperador sonha e, no confuso rumor dos sinos tocando para a missa, cuida escutar a marcha em cadencia das tropas e o rodar dos comboios, longe, nos caminhos gelados da Alemanha e da Polonia. Ebro de ambição paterna, cada vez mais, pensa no grande exercito, na conquista da Russia e das Indias; consigo jura deixar ao herdeiro todos os thesouros do Velho-Mundo. Como brinquinho já lhe deu a cidade de S. Pedro; o recém-nascido cedo terá entre seus brinços outras cidades Santas.

Emir de Meca! Rajah de Benares! Eram titulos dignos do Rei de Roma!

Ah! porque não hão de ser ainda mais fecundas as mulheres de França? Porque não ha de o invencivel capitão ter ás suas ordens um milhão, dois milhões de soldados? Era o universo inteiro, era o globo do mundo que havia de pôr n'aquella mãosinha!

Sonha, surdo á voz dos sinos Santos, sem um pensamento para Aquelle que reina nos céos e para quem os grandes imperios são apenas formigueiros. Sonha e não vê no futuro o seu enorme exercito sepultado nas neves da Beresina, não vê o ultimo tropheo de suas aguias ceifado com o batalhão sagrado de Waterloo pela metralha inglesa; não vê, em meio do Oceano, o rochedo onde esperam torturas de Prometheu, sobrado não vê no parque de Schönbrunn, sob um céo de outono, aquelle pallido e merencorio rapaz, com a placca d'uma ordem austriaca no uniforme branco, que vai tossindo, caminhando sobre as folhas séccas.

E, enquanto o Imperador segue em sua monstruosa chimera, imaginando o reino de seu filho e dos successores de seu filho sobre todo o universo, e a si mesmo, Napoleão, suppondo-se, no fundo do tempo e da lenda, transformado em mytho fabuloso, no fundo do tempo, deus solar triumphando no meio do Zodiaco dos seus doze marchaes, os sinos continuam a tocar alegremente, triumphalmente, perdidamente, em honra da pobre creancinha nascida em Belem, que devéras conquistou o mundo ha desanove seculos, não com sangue e victorias, mas com o verbo de paz e de amor e que ha de reinar sobre as almas por todos os seculos dos seculos.

25 de dezembro de 1897.

Curam-se as feridas da faca, mas as da lingua não tem cura.

Quem quiser comer pão não deve ficar deitado sobre o farelo.

A altivez arrogante esconde sempre a pequenez de espirito, como todas as montanhas escondem sempre um valle.

Queres que não fallemos de ti e gostas de que se falle e fallas tu proprio.



Typo de belleza



Antonio de Macedo Papança
CONDE DE MONSARAZ

Antigo deputado, par do reino, formado em direito pela Universidade, socio da Academia das Sciencias, o conde de Monsaraz é um dos nossos maiores poetas da actualidade. Do poema «Catharina & Athayde», que, a convite da Universidade, por occasião do centenario de Camões, leu na Sala dos Capellos, perante os lentes e academia, lhe adieram os primeiros triumphos litterarios, confirmados em livros posteriores.

(Da Musa Alemtejana)

INTIMA PAZ

Na minha casa ha saude,
Muita paz, muita alegria;
Esta vida é talvez rude,
Mas é sadia.

Não ha requintes de gosto,
Nem grandes aspirações,
Mas ha limpeza no rosto
E nas acções!

A consciencia socegada
E', sem que a muitos pareça,
A mais commoda almofada
Para a cabeça;

Encosta-se e dorme a gente,
Como as creanças, sonhando,
Sem que a dôr nos apoquente
De quando em quando.

Aqui, na simplicidade
Da vida agreste, procuro
Ir de verdade em verdade
Para o futuro,

Longe dos torvos bulícios
Onde campeia a mentira,
Que entre maldades e vícios
Mal se respira!

Vou nas estradas soalheiras,
Sempre evitando os atalhos,
Fugindo assim das canceiras
E dos trabalhos,

E faço, a quem quer que seja,
O bem que posso fazer;
Ter a alma bemfazeja
E' um dever.

D'aquelle que me quer mal
E tenta apagar-me a luz,
Livro-me eu pelo signal
Da Santa Cruz!

Foje o démo da oração
E a luz continua accésa! . . .
Tudo está na devoção
Com que se reza! . . .

E a quem n'esta paz se acoite,
A vida é chão que se inflora,
E a morte, não uma noite,
Mas uma aurora! . . .

Herdade das Vidigueiras — Maio de 1902.

CONDE DE MONSARAZ.



Viagem de El-Rei D. Carlos I



Em Compiègne durante a caçada oferecida pelo Presidente da Republica



Castello de Compiègne (França)

Viagem de El-Rei D. Carlos I

Da viagem de S. M. El-Rei D. Carlos I de Portugal ao estrangeiro, viagem que tem sido uma honra para o nosso país pelas altas provas de consideração e sympathia nos países dos governos francez e inglez, do mundo official, e do corpo diplomatico das duas grandes capitães Paris e Londres, damos hoje algumas gravuras. A primeira representa El-Rei a caçar em Compiègne. Foi essa caçada oferecida a S. M. pelo Presidente da Republica Mr. Loubet, e o inicio de uma série de festas em sua honra, e nas quaes El-Rei todos captivou pelo seu trato amabilissimo e pelo seu talento artistico e pela certeza da sua pontaria. D'essa precisão a que os jornaes de Paris prestam entusiastica homenagem. N'esta pagina figuram dois alvos que serviram a El-Rei marcados com o chumbo da sua maravilhosa espingarda.

Damos tambem uma vista do castello de Compiègne, outra do de Dampierre e ainda uma terceira do de Samdgrigham (Inglaterra) onde S. M. esteve como hospede

FRAGMENT'S

La nuit me rappelle d'anciennes souvenances
D'où ressortent toujours des peines, des souffrances,
Quand j'entends dans les Cieux le grondement des vents
Secouer mon esprit en tourbillons mouvants,
Quand je sens dans les airs passer les gros nuages
Annonçant pour bientôt de terribles orages
Et quand je vois au loin redoubler un éclair,
Car j'entends dans les bruits qui grondent la nature
Le créateur causant avec la creature
Où c'est ta voix Seigneur, où, car la majesté
Dans toute sa grandeur, dans son immensité
Ne pourrait se servir pour son divin langage
Que du bruit sourd du vent éclairé par l'orage.
Et je pense la nuit, au milieu des ténèbres
A ce bonheur qui passe en laissant des regrets,
Et ces regrets passent des rêves de jeunesse
Changent dans mon esprit le bonheur en tristesse.
•Ma lyre chasse au loin de tes galités d'or
•Mes souvenirs! — me dis-je. Ils reviennent encore!
Et quand je prends à lire un chant au fond de l'ame,
Quand je veux l'éclaircir d'une nouvelle flamme,
Quand j'empoigne ma lyre, hélas! entre mes doigts,
C'est encore un regret qui s'enlève dans sa voix!
Les rêves de jadis, amours, jadis rêves,
Hésitent seuls en mon cœur à tout jamais gravés!
Les scènes de plaisir, rêves de couleurs
En passant de mes yeux font rejubil les pleurs,
Et quand tous ces chagrins en pleurant je souviens,
C'est encore un bonheur qui dans mon cœur s'achève!
.....
N'est-ô apparemment! chasser à troubadours!
Pendant que la jeunesse embrasée vos amours,
Car vous voudrez un jour rire et chanter encore
Et le rive faire comme un beau maître
Eclairé de mil feux, superbe de beauté,
Ne laissant dans le Ciel qu'un sillon enchanté!
.....
Je suis sur la montagne; à l'horizon palissent
Les rayons du Soleil qui sur la mer se plissent
Entrées dans sa course au loin vers l'horizon
Par la Lune brillant dans sa blanche toison.
Dans les derniers transports du Soleil je devine
La main de tout puissance Seigneur la main divine.
Poursuiv dans cette vaste immensité de l'eau
Je vois contre la mer luit un grand bateau
Superbe, empanaché de sa velure grise.
Que le souffle du vent en caressant maîtrise,
Et s'échouant dans le port se redresse soudain
Il semble respirer comme un fantôme humain!

JOGOS DE CASTILHO

Artigo de sensação

Frio de rachar. Nortada cortante entremead de rijas baté-gas. Até os pobres que não tem albergue se somem, em noites assim, ninguém sabe para onde.

Na redacção, differença thermometrica de muitos graus. Lá dentro uma atmosphera espessa com mistura de fumo, poeira e acido carbonico, offerece aos redactores relativo e saborado conforto.

No gabinete do director, tão animado quasi sempre de vozes e de gargalhadas, reina agora silencio completo.

Nové badaladas lentas em S. Roque.

— «Co'a breca!» — berrou, com um murro na secretária o director — «Muito tarda hoje aquelle Cabral!» — e mettia os dedos pelo cabello rizado, ansioso de idéas, de inspiração.

O Mello do seu logar, olhou-o com placidez, um momento. E, sem articular palavra, voltou logo á faina de corrigir graneis que lhe empilhavam a mesa.

Dois bons typos, o director e o revedor de provas.

A importancia ostensiva do Miranda evidenciara-se desde menino. Mas subira de ponto, notavelmente, desde que *empresendera* o jornal, com auxilio de um compadre rico que punha o dinheiro na espectativa de que elle puzesse o talento.

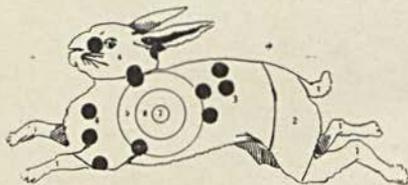
Aquillo de ter uma folha onde verdascar á vontade a patifaria social era um regalo que trouxera muita seiva tóxicante ao seu estro.

Agora ao menos o jornal era seu, a critica era livremente sua; a voz activa ali era a sua. Uma ambição largos annos afogada.

Alto, ossudo, côr de grêda; bota afimbrada, risca muito firme nas pernas das calças, gravata flamejante, collarinho descommunal e alvissimo, chapéu do ultimo figurino, luvas amarellas quasi sempre com posponitos, lenço perfumado, charuto grosso, anel de brilhante como uma ervilha, monoculo bulicoso, unhas apuradas, dentes muito sujos, tal o Miranda.

E casado com uma esguia de olhos piscos e *lorgnon*, muito dada a pelles e posponitos de torçal de côres, invadida chronicamente da mania de nobreza, que ás tardes, do lado oriental da Avenida, passava dois meninos amencicos e arregimentados, vestidos de velludo e luvas brancas.

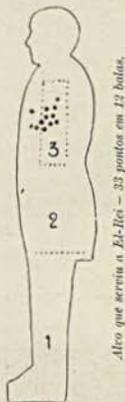
O Mello é a antithese formal de tudo isto. Os collegas classificam-no de *pobre diabo* e não o tomam a serio. Forjaram-lhe uma alcu-



Outro alvo que serviu a El-Rei — 12 balas em 16 metros

nia, *O Escelho*, alvejando o que elles chamam — o seu implacavel espirito de contradicção.

Tem sessenta annos e é solteiro. Sustenta uma carga de familia pobre que se lhe aninhou em casa: mana vivva e uma quadriga de sobrihas puxando um impetuoso carro de exigencias, todas ellas tendentes



Alvo que serviu a El-Rei — 33 pontos em 12 balas.

á aquisição de quatro maridos que as quatro, de commum accordo, procuram com a mesma avidez de dignidade matrimonial.

Excentrico de marca — eis a cotação mais alta que desfructa o Mello na redacção. Mas nem por isso deixa de ser ali pedra angular.

Elle tem duas paixões: a nitidez da impressão e a grammatica. Quando endireita os oculos, não ha gralha nem barbarismo que lhe escape.

O seu serviço é impagavel. Leva os serões, de penna em riste, corrige e mais corrige, diante dos graneis e provas de pagina. Todo o que esbarrou n'um problema ignorado de grammatica vem bater áquella mesa. Sem elle, etymologia e syntaxe andariam por ali em farrapos. Ninguem sabe palavra de tões velharias.

De inveno havia tres cousas que elle não largava ainda que o sol dardesse: o varino, o cachén e o guarda chuva.

Não fumava e tinha ideias republicanas que largo em largo explodiam por entre a atmosphera incolor, accommodada á redacção, como um foguete em meio de grossa nevada. Tinha um estribillo: *Que burros!* Entrara-lhe aquillo com applical-o á barbaridade dos typographos. E logo, insensivelmente, deslisara a distribuiçáo com largueza a toda a gente.

As suas botas eram phenomenaes, cheias de protuberancias, com relevo orographico. Corria como certo que a mão agradecida de D. Felisberta, a mana viuva, lhe traçava nas calças intrinca da geographia de remendos e passagens. Nunca chegou a averiguar-se. Obstavam duas porfiás inquebrantaveis: a do gabão no inverno e a do guarda-pó no verão.

O Miranda ergueu-se de um jacto, morden o charuto, acendeu-o impetuosamente no bico de gaz, e mediu o quarto a passos nervosos. Ao mesmo tempo engalinhava os magros dedos pela crespa cabeleira que lhe resguardava o talento.

O Mello olhou um momento e voltou placidamente aos graneis.

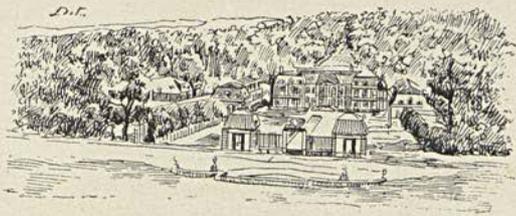
O outro sorriu sarcastico, mal humorado. — «A paz de espirito é que eu lhe invejo, ó Mello! Nunca o senhor foi homem que, um dia por acaso, nos trouxesse aqui uma noticia boa, uma noticia de sensação. Já é! Vê a gente em apuros e nada!»

O Mello, com o seu usual *Que burros!*; marcou signal de abrir paragrafo; e, a seguir, reasonou entre dentes:

«Eu para esses biscates não sirvo.»

— «Pois! Fossemos todos a dizer o mesmo!... As assignaturas não sobem... E o facto é que o jornal tem decado... Levamos semanas inteiras sem um artigo que se diga verdadeiramente de sensação! Tudo aqua chira!... Também ha que tempos não apparece um criminoso de getto!... Já me lembrou metter uns artiguitos de modas com figurino... Você que diz, ó Mello?»

Estrondeou a grande tosse do Cabral a interromper-lhe a musica predilecta, o hymno da Carta, que elle vinha assobiando entrecoartadamente.



Castello de Dampierre (França)

— «Homem, até que emfim!» — bradou-lhe o Miranda, regosijado: «Trazes material para a loja?... Tu ao menos, melhor no peor, é raro o dia...»

O Cabral tinha atirado comigo para uma cadeira, estafado.

Andava sempre a correr para certificar-se de não ter lesão no coração. Finava-se com medo de doenças.

Apalando solememente umas das algebeiras, annunciou satisfeito: «Trago canella fina, ó menino.»

Enquanto elle remexia e rebusca papelotes de que anda atulhado, dêmos uma vista de olhos ao Cabral.

Baixo, gordanchudo, vermelhao. Chapen molle que o selbo endureceu n' tanto. Calça descaida, de proeminentes joelheiras. Olhos injectados. Joanetes salientes. Cabello desvaído. Gravata escoceza. Bengallão de canna. É evidente que nunca tomou banho. A sua passagem traz uma vaga reminiscencia de queijo Roquefort. Na boca sempre uma cousa: palito ou cigarro. Despede profusão de gafanhotos quando fala. Usa muito vocativos: «O' menino! O' homem! O' coiso! O' grande besta! O' minha flor!» — consante a intimidade e o estado de alma.

Vive n'uma casa de hospedes. Não quer pensões. Fuma oigarros como um desalmado e a tosse não o larga. Busca sempre a proximidade do escarrador, adminiculo indispensavel ao seu bem-estar.

Sobre a mesa de trabalho ha-lhe ter por força o almanach commercial, a folhinha do anno corrente e uma botija de gengebra.

— «Pois isto é do fino... Não adivinhas, ó coiso?» — e o Cabral escolhia, procurava, não logrando sahir a contento da confusão das suas notas.

— «Sei cá!... Roubo de pólpa?» — e o Miranda escancarava olhos cubicosos.

— «Upa! Upa! muito melhor... Tens para dois ou tres dias pelo menos» — e, elevando emphaticamente a voz: «Duplo crime de filicidio...»



A partida de El-Rei D. Carlos I em automovel para a caçada de Dampierre

Criminosa de vinte annos... Hoje não se apurou grande coisa... Mas amanhã, entre diligencias policíacas e o mais que se apanhar por fóra... da-te pelo menos pagina e meia.

— Bem, Desembucha, que se faz tarde! — e o Miranda foi sentar-se á secretaria, entendendo machinalmente para o tinteiro os dedos onde tremeluzia o brilhante do tamanho de uma ervilha.

Como o outro continuasse a complicada rebusca entre papelinhos miúdos que eram o seu systema e o seu desespero quotidiano, elle, para ganhar tempo, escreveu com letra garrafal no alto do seu linguado — tinha sempre predisposta, á mão, uma rima de linguados — *Mê Desnaturada*, e ficou por distracção, a accentuar muito os grossos nas duas palavras.

— Cá está! — e o Cabral leu, depois de ter tossido e escarrado ponderosamente:

— Maria do Rosario Caramujo, filha de Romana da Encarnação e de Aparício Caramujo, apontador da via ferrea na linha de Oeste, solteira criada de servir, de vinte annos... Foi presa á chegada do comboio de Alfalroes e conduzida á esquadra da rua de Santo António onde ficou incommunicavel...

— Bem, homem... Mas o crime, o crime! — pediu, impacientado, o Miranda que já molhara tres vezes a penna e não passara de pintar e re-

deiro... Ainda aqui tenho outras coisitas para noticias miúdas que te vou deixar... Tenho que ir á *Agua de Ouro*.

— Entrevista? O' diabo, espera.

— Volto mais tarde.

— Com mil bombas, espera... Isto faz-se aqui n'um rufo.

O Cabral encolheu os hombros. Resignadamente foi-se á botija, saboreou um copito de genebra e terminou a operação com um eloquente estalo de lingua. Depois poz-se a refundear uma gaveta cheia de papulchinhos revoltos.

O Miranda era toda concentracção, anediando a gaforina. Tomando attitude resoluta, molhou a penna outra vez e começou, lendo alto:

— *Mê Desnaturada*. Ponho-lhe o sub-titulo *Filicídio e tentativa, hein?*

— Vae bem! — applaudiu o Cabral, sempre a revolver, preocupado, os papéis da gaveta.

— Typo um pouco mais pequeno... Vae bem, vae.

O Miranda, electrificado, ia escrevendo e lendo alto, com inflexão theatral. Deliciava-se na harmonia dos periodos.

— *O caso que narraos hoje é d'aquelles que arrancam brados de indignação, apasas de serem frequentes por culpa benevolencia dos tribunales...*

— O preambulo está philosophico... — apreciou o Cabral, preparando um cigarro.

— Cala-te agora! — supplicou febril o Miranda. E proseguiu: *Fal-*



A chegada a Sandricourt. S. M. recebido pelos Marquizes de Deauvoir

pinhar as duas palavras *Mê Desnaturada* que já via dançar, como diabinhos, sobre o papel pantado.

— Já lá vamos, ó filho! — e o Cabral deixava o gado e outro papelito mais pequeno que o primeiro e muito mais sujo.

Leu mentalmente e narrou depois em voz alta: — Filaram a rapariga por ter havido denuncia de que pretendia matar um filho que trazia n'uma canastra. Parece que eram dois gemenos e que o outro já foi pelo mesmo caminho. Um caminho de malvezade! Se vissem como a cabra chorava no caminho para a esquadra!

— Tudo umas embusteiras! — e o Cabral foi largar os apontamentos na mesa do director.

— Você viu-a? — perguntou o Mello, levantando os olhos para o alto da cabeça.

— Bem boa, por signal! Uns olhos pestanudos! — e o Cabral formava um circulo com os dedos da mão direita, unindo o polgar ao indicador — Assim!

— E a crianca?

— Lá ia tambem de charola para a esquadra, nos braços de um moço. Berrava como um porco atado pelo pé. Uma enfermeira!

— Pobre criaturita!

— Bem... — concluiu o Miranda muito pratico.

— Dêxemo-nos de sentimentalismos, senão não se faz nada. A final, em resumo, o que aprazate tu de positivo? — e percorria, de olho despresador, os apontamentos do Cabral.

— O' menino... Positivo, positivo, não temo ainda nada, mas...

— Então boas! Muito obrigado!... E vinhas tu com esses espalhafatos!... A final, o importante: a mulher matou ou não matou?

— E' quasi certo que matou o outro e quiz matar este... Ainda te parece pouco? Com a tua facilidade tens mais do que assumpto para um artigo de sensação. Pudessem eu!... Tu, em todo o caso, dá a noticia. Que te importa? Se não é certa, amanhã rectifica-se... E' o verda-

deiro por estarmos dados seguros para uma accusação positiva, mas tudo leva a crer que quanto diante de uma verdadeira fera, triste aberração da natureza, não pensando mais que em destruir os seus proprios fillos. O caso é para causar sensação...

— O caso é para causar a modo que não sôa lá muito bem, ó coiso! — intercalou o Cabral, accendendo o cigarro no bico de gaz.

— Tens razão. Põe-se noticia — A noticia é para causar sensação e provocar justa indignação!

— Agora verso — grunhiu, mal humorado, o Mello.

— Hein? — echoou o Miranda, sempre nervoso com as interrupções.

— Cá falo. — E o Mello continuou corrigindo os graneis com tanta força que rompia o papel.

— Como preambulo, já basta... Agora copia os apontamentos só com uma ou outra palavra mais viva para dar realce... para dar a cor!

— e o Miranda ia escrevendo sempre tendo na mão esquerda a tiritica de papel com letra microscopica, esgarafunhada, fornecida pelo Cabral.

— Sô os nomes da familia enchem tres linhas. Uma mina! Elle o appellido que diabo é? Estás cada vez com peor letra! Um escandalo!

— Caramujo, ó filho! — explicou o Cabral sem se melindrar com a franqueza.

— Pois para caramujo saíu menos mal da casa a tal menina! — e a mão sempre escrevendo febrilmente: Tu disseste que a rapariga chorava, não?

— Uma Magdalena! Na intrujice são todas o mesmo.

O Miranda continuou na mesma tessitura: *A Maria do Rosario foi filada ao chegar o comboio. Chorava no caminho para a esquadra a infamissimo creatura, talvez pesarosa de não haver realisado o seu feroz intento.*

— Isso, isso. — reforçou o Cabral, rindo cinicamente — E' aticar-lhe. Aproveita, menino, aproveita. O Zé d'isso é que gosta. E um thema d'estes não vem cá todos os dias.

O Miranda seguiu sem vacillar, olho no linguado olho na inscripção

gerotiphica do Cabral — «É alto, bem parecido. Veste azul escuro, chale claro, lenço branco de malha na cabeça. Darcenos, logo que obtivermos, a photographia da criminosa. Compreendemos a ansiedade do publico por todos os pormenores do monstruoso drama. Foram apprehendidas cartas que se julga lançaram muita luz sobre o assumpto. Parece fóra de duvida que estamos em presença de um crime dos mais extraordinarios e revoltantes, que nos revela a sua auctoridade como o maior dos monstros. A justiça que sempre o seu dezer, decifrou para a sociedade, ultrapassa nos seus mais lindos sentimentos.»

Que tal?

— «O' aquelle, isso está primoroso!» — elogiou, sincero, o Cabral — «Tu tens a bossa do jornalismo... Lá isso não se te pode negar.»

— «Sempre tive vocação, isso lá...» — e o Miranda, compenetrado, estregava as mãos que a nervosidade periodística arrefecera.

Entrou, pedindo licença com voz sumida, um rapazote de uns quinze annos, com mais gracinha para o Mello.

Impressão cara! Muito chupadinho de fome, de insomnia, talvez já do vicio.

— «Levas isto para compôr já?» — intimou o director, estendendo o artigo sem o releer — «Que tomem cuidado nos typos que vão marcados. Primeira pagina. No alto. Entendeste?»

— «Sim senhor.»

O pequeno, ao sair, cruzou-se com o Lucio Mascarenhas.

— «Boas noites, meus senhores. Aqui, sim; aqui pode-se estar. Não entra cá o frio.»

— «Adeus, Lucio!»

— «Adeus, ó menino!»

— «Viva!»

— «Trazes alguma cousa para o jornal? Noticiassinha de sensação, hein?»

— «Qual!... Julguei, julguei... A final dois caracões! Um supposto infanticidio!... Só as voltas que en dei por causa d'essa porcaria!... Tinha-me cheirado a coisa gorda... Interessava-me...»

— «O caso da rapariga de Alfarellos?» — perguntou o Cabral, escarvando um ouvido com o dedo minimo e arreganhando os olhos de espanto.

— «Sim, esse. Espremido o limão não deitou summo.»

— «O' aquelle, essa agora é de cabo de esquadra! Uma panthera que matou um filho e quiz matar outro! Ainda mais summo!»

— «Mas se está provado que a mulherzinha não matou nem quiz matar cousa nenhuma! Venho agora mesmo da esquadra. A final resume-se tudo n'isto. A rapariga saiu ha mezes da casa onde estava a servir e foi para a dos seus paes onde teve duas crianças. Secou-se-lhe o leite. Veiu a Lisboa e largou n'uma escada um dos fillos que foi recolhido na Misericórdia. Como a miseria acho que era muita, vinha agora vêr se fazia o mesmo ao outro. Ora a mulher pode ser, e é naturalmente, uma desavergonhada. Mas isto tudo, tomando como materia jornalística, como materia sensacional, é uma desgraça; não presta absolutamente para nada. Não ha mysterio; acabou o interesse. Até se apura quem é o presumidor pae das crianças... mas isso não vem para o caso...»

— «Que burros!» — grunhiu o Mello que havia momentos deixara de corrigir e parecia meditar com os dedos encravados no queixo.

O Lucio olhou sobressaltado, o Miranda retorceu mais o bigode para encobrir o riso, e o Cabral infundiu mais um copito de genebra.

— «Você perdeu, ó Lucio!» — disse enfim o Mello, saindo claramente da sua habitual tranquillidade — «Que o nome do patife não vem para o caso?! Pois esse é que devia vir sempre na frente. Melhor que pespegar para ali a parentela da creatura, com todos os ff. e rr.»

— «Não homem, não... Isso é muito diferente» — e o Lucio sorria malicioso aos outros dois, querendo dizer — «Cá está o Escolho de volta comigo. Deixal-o, coitado!»

O Mello deu fô do sorriso e espreitou-se. Erguendo os olhos ao alto da cabeça: «Os senhores, verdade, verdade, de mão na consciencia, considerem essa rapariga uma grande criminosa?»

Risota geral.

— «Olha o Mello a defender infanticidios! Ai, que pagode!»

— «Homem, essa agora! Com a sua seriedade!»

— «Você dormiu mal esta noite, ó Mello... Por mais que me digam...»

— «Mas, com um milhão de demónios!» — e o Mello descarregava dois murros enormes na mesa — «Que queriam os senhores que a rapariga fizesse? Sim; que queriam?»

— «Ora, essa! Que trabalhasse! que ganhasse para os fillos.»

— «E quanto ganha uma mulher ainda que se esfaífe? Os senhores sabem como se paga o trabalho das mulheres n'este paiz?»

— «O' Mello, a modo que isso agora já trescala a feminismo!... Irra!»

— e o Cabral expedia uma gargalhada e uma tosse atroadoras.

— «Mas logica, é o que faz falta... Mais logica e mais humanidade!»

— e o Mello esfregava os olhos com o lenço para vasão da actividade nervosa — «Nos outros crimes não os exigem responsabilidades a todos os culpables? E n'este, porque não? Ellas, quando não os matam, tambem os vêem muitas vezes morrer de fome. Mas d'esse crime ninguém quer saber, nem lhe busca o responsavel...»

— «Bem, bem. Isso agora já é transcendencia demais para o jornalismo» — decretou o Miranda de testa franzida, assumindo o seu arsinho grave de director. — «A obrigação de uma folha diaria é trazer o publico ao corrente dos acontecimentos. Questões de doutrina não são para aqui. Deixemos-nos de philosophias que não adiantam nada e vamos ao que importa: Deixa-se ir a noticia como está?»

— «Não homem, não» — protestou vivamente o Cabral — «Tem que se reformar.»

— «Que diabo de maçada! E é que saiu bom o artigo... Tem vibração... tem fremito... E é de que precisamos os jornaes para viver...»

Houve um silencio cheio de concentração.

— «O verdadeiro é trabalhar os... optou corajosamente o Mello.

— «Este Mello! Este Mello!» — gargalhou o Cabral — «Se o homem sempre foi jacobino chapado!»

O Miranda tregetou dos hombros, muito frenetico. De repente, com uma forte palmada na testa:

«E se publicassemos uma local, na ultima pagina, com epigraphe d'ultima hora, atenuando a noticia?»

— «Excelente, ó grande diabo! Tu hoje estás feliz...» — e o Cabral expandia a satisfação, rolando bem a botija, que collocou debaixo da mesa porque ia sair.

— «Não me parece mal» — conveiu o Lucio — «Sempre se aproveita um pouco o effeito.»

O Miranda puxara um linguado em branco e já estava de penna em punho. Esgarafunhou: «A' ultima hora Mãe Desnaturada. Somos informados de que essa casa não tem a grandidade que a principio se lhe attribuiu. Fica no proposito de bem informar os nossos leitores, notaremos amanhã ao assumpto com todos os esclarecimentos que puderamos obter.»

O Miranda pouso a penna, muito contente de si, e com o dedo ao timbre.

Appareceu logo o rapazito de cara chupada.

— «Toma. Manda compôr. Vae na terceira pagina. E as provas aqui ao sr. Mello. Não confies a essa gente nem para isto. Entendeste?»

— «Sim senhor.» — e o rapazito voltou, melancholico como tinha entrado, como sempre estava, de dia e de noite, de semana e ao domingo, no verão, no inverno, no Natal, na Paschoa.

O Cabral e o Lucio já estavam em pé para sair.

O Miranda abtoou o sobretudo, poz com metuculo cuidado o chapéu, encaixou o monoculo, sacudiu as pernas para desengrugar as calças.

— «Tambem saes? perguntou o Lucio, querendo saber para onde elle ia.»

— «You um bocadão d'uso» — e o Miranda calçava com arranhão as luvas amarellas... Ainda tenho que vir fazer a chronica theatral.»

— «Acompanhe-o.»

Tambem lá von um bocadão.

— «Adeus, ó Mello. Você não rasgue o artigo, hein?»

— «Até já.»

— «Adeus. Não sei se logo virei por cá. Ando farto de noitadas.»

«Boa viagem.»

E quando elles iam todos na escada, o Mello, de braços estendidos, esprenguando-se com amplo desafio: «Louvado seja Deus! Que burros!»

Madrid, novembro, 902.

Caiel.

Nada é simples n'este mundo, nem mesmo amar.

O espirito, a perola de um anel; o estylo, as perolas de um collar.

Sei bella e muito, parecel-o é tudo.



Castello de Sandrigham

POLITICA INTERNACIONAL

O acontecimento importante da quinzena foi a abertura da crise ministerial em Hespanha, e a solução ao cabo de variadas peripetias, chegada a Sagasta, que afinal continua a ser o presidente do governo, a declinar a missão de que o rei o investira, de constituir o novo gabinete.

Mallograram-se as tentativas para a formação de um ministerio de concentração, de que fariam parte, além de Romero Robledo, o conhecido e fogoso ex-ministro opositorista, o general Lopes Dominguez e o duque de Tetuan. Esta combinação fracassou, ao que parece, pela exigencia de Romero Robledo para que lhe fosse dada a pasta do reino ou então, no caso de se ser isto impossivel, a pasta da justiça para elle e a pasta da agricultura ou a da fazenda para um dos seus amigos politicos. Na impossibilidade de chegar a accordo com os romeristas, o sr. Sagasta resignou-se a formar um gabinete liberal homogeneo, ou antes a recompor o anterior governo, ficando de facto todos os ministros, que não sahiram, com as mesmas pastas que regiam, e sendo nomeados para as tres pastas vagas os srs. Equiz, Puigcervell e Awia Salvador.

A significação e a importancia d'esta crise são, por um lado o rompimento do partido liberal com o grupo do sr. Romero Robledo, ultimamente seu aliado parlamentar, e pelo outro o rompimento do sr. Sagasta com a esquerda do seu partido, representada por Canalejas. Conforme fica, o governo actual apenas contem representantes da direita e do centro do liberalismo. A parte mais avançada, de que era chefe o director do *Heraldo*, foi excluída completamente. Quer isto dizer que das duas tendencias, que há muito tempo dividem o partido liberal, triumphou o conservadora, a que apóia a candidatura do sr. Moret á chefatura. O sr. Canalejas, definitivamente posto de parte, ficou isolado em face e contra todos os *prohombres* do partido liberal, que incondicionalmente se pizeram ao lado do presidente do conselho, e portanto do seu logar tenente, o sr. Moret.

Está por agora aparentemente consolidada a situação e resolvida a crise, que já estava causando séria inquietação nos circulos governamentais. Ganhou, porém, a partida o partido liberal, e sobretudo tem o paiz alguma coisa a esperar do actual gabinete? Parece-nos que não. O ministerio actual está mais fraco e mais desprestigiado do que o anterior. Póde dizer-se morto á nascença. Foi recebido na ponta das lanças pela opposição do congresso, e por tal modo ficou ferido logo no primeiro combate, que já se fala no encerramento das camaras para evitar a queda imediata do governo.

Para chegar a esta triste situação não valia a pena ao sr. Sagasta o ter-se esforçado tanto por continuar no poder.

O que é certo é que não só o partido liberal mais ainda se desorganisa com a solução d'esta crise, senão que a atmosfera politica em geral se carregou de densas nuvens, d'onde póde muito bem surgir temerosa tempestade. Os problemas mais urgentes e mais inadiveis que os liberaes deviam resolver, estão postos indubitavelmente de lado. Só a esquerda do partido podia arcar com elles, e essa acaba de ser lançada ao ostracismo pela victoria do sr. Moret. A situação vai pois passar em breve praso para os conservadores, e é logico que assim seja, dada a confusada impotencia e desorganisação do partido liberal. Mas os conservadores no poder, com a tinta clerical do seu chefe, o sr. Silveira, e sem o elemento ponderador representado pelo fallecido Canovas, que era conservador mas tinha o estófo de um verdadeiro estadista, significam o triumpho da reacção em toda a linha, e portanto a questão das congregações resolvida ao sabor de Roma, a questão da Catalunha complicada com os processos administrativos do mais desalmado caciquismo, a questão social agravada pelo autoritarismo doutrinario da velha economia orthodoxa, a questão financeira retardada na sua imperiosa resolução, a questão economica sacrificada ás mil exigencias da estreita politica de campanario. Tudo isto significa a volta ao poder dos conservadores.

Como se vê não póde ser mais incerto o futuro da Hespanha. Os que esperavam que a guerra com a America e a consequente perda das colonias determinariam uma crise salutar no organismo politico da nação vizinha, e que seriam o começo de uma verdadeira reaurição nacional, enganaram-se completamente. Em vez de regenerar os seus costumes publicos, que são a causa primordial de todas as suas desgraças, a Hespanha cada vez se afoga mais no pantano da perniciosia politica dos partidos, que tão desalmadamente a exploram, e a cujos interesses egoistas e antipatrioticos tudo se sacrifica. Até onde chegará a actual decadencia, que parece que ninguém é capaz de sustar?... E no entretanto dezessis a dezoito milhões de homens formam um grupo bastante consistente para encontrarem em si elementos seguros de salvação.

No momento de rever as provas d'este artigo chega-nos a noticia da formação do novo gabinete conservador, em seguida á queda de Sagasta.

Aggravou-se recentemente a questão marroquina, pela exacerbação da guerra civil em que anda envolvido o actual sultão Abd-ul-Aziz contra o seu pretendente, que lhe disputa o throno, dizendo-se o enviado de Deus e congregado em volta de si numerosos fanaticos. Diversas tribus se tem já revoltado, e a sublevação que principiou na cidade de Taza, vai-se extendendo rapidamente e conquistando adherentes em novas tribus. As batalhas ou antes as escaramuças, porque algumas d'ellas d'isso não passam, repetem-se a todo o momento, e o exercito imperial sem um instante de repouso tem de correr de uma região a outra para submeter as tribus, que se revoltam. Nalguns casos, porém, as escaramuças convertem-se em verdadeiras batalhas, como a que se ferio entre uma columna do exercito

do sultão commandada pelo *caid* El Bagdadi e as tropas do pretendente, que sommavam, conforme as noticias que d'alli chegam, doze mil soldados de infantaria e mil e quinhentos cavalleiros. O combate durou grande numero de horas, terminando pelo completo debaixo dos rebeldes, aos quaes foram feitos numerosos prisioneiros. Apesar d'este revez soffrido pelo pretendente, e quando parecia que a auctoridade do sultão estava definitivamente assegurada, novas sublevações se annunciaram, novos combates se ferem, como por exemplo o realizado entre as tribus de Zemmur e de Beni-Hassan, e o exercito de Abd-ul-Aziz com o proprio sultão á frente tem de correr em perseguição dos revoltosos, que vencidos n'um ponto, se levantam mediante com uma obstinação, que cada vez se va tornando mais inquietadora. Isto com respeito á situação interna. Com respeito á situação internacional que d'ella é uma consequencia, ainda o aspecto apparece mais carregado.

Conforme se sabe Marrocos pertence á cathedra d'esses doentes historicos, cuja herança diversas potencias disputam, e a cuja cabeceira por precaução ellas fazem vigilante sentinella. A sua situação é identica á da Turquia, á da Persia e á da China, embora com menos vitalidade e por consequencia com menos forza para resistir. Dos quatro doentes, é aquelle que está em mais grave estado. Tres nações europeias particularmente se interessam pela sua sorte — a França, a Hespanha e a Inglaterra. E cada uma d'ellas, tendo especies motivos para esse interesse, procura dispor favoravelmente as cousas, de modo que a melhor parte da herança venha a tocar-lhe.

A França, senhora de Argel e de Tunis, sonha com a posse de Marrocos para arredondar o vasto dominio que possui na Africa do norte, e ao mesmo tempo para fazer a junção com as suas colonias da Africa occidental e central. Pelo accordo franco-italiano, prometendo o seu consentimento tacito a uma eventual occupação italiana de Trípoli, assegurou se da neutralidade da Italia, cuja attitude contraria tanto a podia embarçar na execução do ousado plano que medita. A Hespanha, em nome da tradição historica que a liga á terra marroquina, pelos grandes interesses que possui no imperio xerifino, pela conveniencia de fortalecer a situação da praça de Ceuta, e mais do que tudo pela necessidade imprescindivel de compensar com novas aquisições territorias o seu imperio colonial tão desastradamente perdido, prepara-se para assumir um papel preponderante na hora, que já vem proxima da liquidação final. Tem contudo a lutar com a opposição da França, cujos interesses n'este ponto são irreductivelmente antagonicos com as aspirações da nação vizinha. Finalmente a Inglaterra de posse de Gibraltar, que é uma das chaves do Mediterraneo, não se mostra disposta a consentir que qualquer nação europeia se estabeleça em Tanger, que por seu turno é a chave do estreito. No dizer da imprensa mais exaltada da *City* o governo inglez está disposto a empregar todos os meios, inclusive os violentos, para impedir que tal eventualidade se realice. E forçoso é confessar, que, dada a presente situação da Inglaterra, livre da guerra sul-africana, que lhe paralysava quasi completamente a acção internacional, e com o seu prestigio militar, apesar de tudo quanto em contrario se disse, fortemente robustecido, o *veto* do governo de Londres tem grande peso, decisivo talvez, para a solução do presente estado de cousas. Essa solução por agora é a continuação do *status quo*, não ha duvida. Mas o desfecho final nem por isso deixa de ser inevitavel. E' questão de tempo e de oportunidade, nada mais.

A situação interna da Russia na França presente faz lembrar sob mais de um aspecto a situação da França nos fins do seculo xviii, em vespuras da grande revolução. Agora, em terra slava, como então em terra franceza, o mesmo descontentamento geral se nota, o mesmo mal-estar se observa em todas as classes, os mesmos symptomas precursores de qualquer movimento fóra do commum começam a apparecer aqui e ali, annunciando proxima transformação. Como na França de Luiz XVI é tambem a questão economica que abre no velho edificio da auctoridade moscovita a brecha, por onde vai passar a questão politica com todas as suas inadiveis exigencias. A este respeito é eminentemente suggestivo o que se está agora passando em grande numero de *zemstvos*, a proposito da discussão das medidas para debellar a crise agricola, que afflige o imperio.

O correspondente especial do *Times* em S. Petersburgo conta por informação de fonte segura que o ministro do Interior, von Plehve, tentou ultimamente mais uma vez evitar que continuasse a discussão das questões politicas nas commissões locais agricolas, o que motivo um energico protesto contra tal interferencia da parte de M. Stakhovitch, chefe da nobreza da provincia de Orel. O ministro do Interior enviou uma circular aos governadores de todas as provincias, onde as referidas commissões estão a funcionar, recommendando a essas autoridades, que tratassem de impedir a discussão de quaesquer questões de caracter geral. Os governadores por seu turno mandaram as competentes instruções aos marchas da nobreza, que são *ex officio* os presidentes das mencionadas commissões.

M. Stakhovitch em resposta á communicação que recebeu, replicou que não podia tomar a commoção da provincia de Orel. O ministro do Interior enviou uma circular aos governadores de todas as provincias, onde as referidas commissões estão a funcionar, recommendando a essas autoridades, que tratassem de impedir a discussão de quaesquer questões de caracter geral. Os governadores por seu turno mandaram as competentes instruções aos marchas da nobreza, que são *ex officio* os presidentes das mencionadas commissões.

Não parece que estamos assistindo a um dos actos preparatorios da grande Revolução franceza? Como se vê, a onda cresce...

Sentença de Salomão

(Excerpto biblico)

I

Por morte de David subiu ao throno
O Joven Salomão, moço prudente,
De grande honestidade;
E como rei o acclamam os seus povos!
Salomão receiava
Não saber governar os seus estados,
Dirigir o seu povo com criterio,
Com prudencia e justiça;
Acodem-lhe á lembrança os bons conselhos,
Palavras que seu pae lhe dirigira,
E onde havia a experiencia da velhice,
Justiça de quem justo havia sido,
E o temor de quem fé em vida teve!
«Salomão, filho, attende:
«Não esqueças o Senhor em tua vida,
«Que Elle será contigo!
«Procura-o bem, meu filho, has de encontral-o,
«Mas serás esquecido se o esqueceres!»

Esta lembrança foi-lhe cara e doce;
E servindo o Senhor com humildade,
Quiz tambem o Senhor favorecel-o
Com largas recompensas!
Appareceu-lhe e disse-lhe: «Meu filho,
«Doce premio vou dar a quem me serve
«Com tamanha humildade, amor e zelo!
«Pede-me, Salomão, o que quizeres,
«Dar-te-hei o que pedires.»
E logo Salomão assim responde:
«Vós me fizestes rei, sendo eu tão moço
«Tão debil e tão falto de experiencia,
«Dae-me docilidade
«Sabedoria tal, que com acerto,
«Possa reger o vosso povo eleito!»

Ao Senhor agradaram taes palavras,
Esta resposta franca e sem reservas,
E logo lhe responde:
«Salomão, tu terás a primazia
«Entre os ditosos filhos meus amados!
«Não me pedes riquezas, que outros tentam,
«— E que não valem nada ante os meus olhos, —
«Não pedes larga vida que outros pedem,
«Não pretendes vaidades nem riquezas!
«Tu queres a sciencia? has de tel-a!
«Dar-te-hei um coração tão bem formado,
«E tão lucido e claro entendimento,
«Que será maravilha!
«Tudo concedo aos que me são fiéis;
«Dar-te-hei até o que me não pediste,
«Riquezas, honras, dilatados dias!»

II

Perante Salomão, duas mulheres
Apresentam se um dia,
Para elle decidir uma contenda.
Ouviu-as Salomão attentamente
Para dar a sentença
Conforme a consciencia lhe ditasse,
E deixou-as falar. Diz então a:
«Senhor! meu Rei! Esta mulher que vedes,
«Habitava commigo a mesma casa;

«Era uma boa amiga e companheira;
«Viviamos tranquillias,
«Não pensando senão em nossos filhos!
«— O meu filho! que doce primavera!
«Loiro, loiro, que o sol é que o doirava!
«Que olhar tão franco, que expressão tão meiga! —
«Mas eu prosigo a historia...
«Esta mulher tinha tambem um filho,
«Que uma noite morreu, quando dormindo
«Incauta o abafou! Foi então que ella
«Emquanto eu repousava adormecida,
«As creanças trocou!
«Tira meu filho do seu pobre leito,
«E deixa em seu logar seu filho morto!»
A outra interrompeu:
«Mulher, mulher, não é como tu dizes,
«O morto era teu filho!»

Continuaram disputando as duas
A posse do menino...

E Salomão depois de as ter ouvido,
Ordena a um dos servos: «Traz a espada,
«Parte o menino vivo pelo meio,
«E dá metade a esta, e a outra áquella!»
Ouvindo estas palavras, ficou louca
A verdadeira mãe do vivo infante!
E angustiada soluçante disse:
«Senhor! por compaixão, oh! dae-lh'o todo,
«Suspendei por piedade!
«Não o mandeis matar! Compadecei-vos!»
E assim continuou a mãe afflicta
Com lagrimas na voz e supplicando
Vida para seu filho!

Que dôr se pode comparar com esta?!
Ser mãe, cingir nos braços uma aurora,
Sangue do nosso sangue!
Viver dias inteiros, com carinho
Cuidando d'essa flor, a nossa vida!
Depois um dia, uma mulher povera,
Que se dizia amiga e companheira,
E mãe tambem de um filho,
Não hesita em tomar por seu — a falsa! —
O fructo d'outro ventre!

«Senhor, não o mateis oh! por piedade!
«Vede que elle é meu filho,
«O meu olhar no d'elle se reflecte!
«Mas a outra, ao contrario, ia dizendo:
«Pois bem, meu rei, não seja de nenhuma,
«Parta-se pelo meio.»
Diz Salomão: «Suspende! Entrega-o vivo
«A' sua mãe, áquella!»

Deu brado em Israel esta sentença,
Tão extranha e de tanta auctoridade!
De tão grande justiça e tanto acerto
Como jamais houvera!
E mais inda ficaram respeitando
Salomão, pois que nelle residea
O Espirito Divino!

Bemfica, agosto 1902.

Jóão da Silva Carvalho Gusão.

Os perfumes



uso dos perfumes na antiguidade chegou ao apogeu: os povos da Ásia e África, os gregos e os romanos prodigalizzaram-n'os. Avidos de sensações que excitassem ao prazer, os antigos acreditavam que os olores suaves e agradáveis á sua existência e por isso reuniam-se em casa do perfumista, como nós actualmente o fazemos no café.

O paganismo, que tudo deificava, — a belleza, a fealdade, a mentira, a verdade, a virtude, os vícios, — queimava uma somma prodigiosa de perfumes nos numerosos alares dos seus trinta e dois mil deuses.

Os voluptuosos satrapas da Ásia viviam constantemente no meio de uma atmosphera saturada dos mais suaves perfumes. As tochas que aluminaavam os seus sumptuosos palacios espargiam, quando acendidos, deliciosos aromas; os moveis eram fabricados de madeiras odoríferas; misturavam com os alimentos substancias aromaticas; impraguavam de perfumes embarragados os brancos e fofos tapizes que lhes serviam de leito.

N'uma cela magnifica que Otth offerreco ao tyranno de Roma, Nero, para que nada faltasse á sensualidade dos convidado, foram dispostos secretamente na sala taboas de ouro e de prata que derramavam vapores aromaticos e essenciaes de grande preço. Manjares deliciosos e vinhos perfumados excitavam os cerebros. Uma infinidade de perfumadores, a fumar por toda parte, completava a doce embriaguez dos sentidos. Enfin, os romanos, n'esta ponto, não faziam senão imitar os gregos, os quaes, como mol-o deus a historia, se mostraram sempre apaixonados pelos aromas.

O immenso commercio de perfumes a que deu lugar a longa paixao d'esses duas nações, diminuiu com a queda do imperio romano, isto é da civilisação antiga.

Durante o tempo em que os barbaros inundaram a capital do mundo, levando consigo o ferro e o fogo, durante essa epocha desastrosa o luxo, as artes e a poesia buscarom, como os perfumes, outra patria, e refugiaram-se na Ásia.

Entretanto a civilisação moderna lançou já algumas raizes e levantava-se sobre os restos da antiga. Uma nova era nasceu: era de galantaria em que se reconheciam para o diante os direitos da belleza. As mulheres, então, para assegurar o seu tão doce quanto a mais fugaz e precioso, appellaram para os perfumes, cujo gosto reaparece na idade media.

S. Luis aconsoar-te, e dizia nos campos da Palestina: «Deliciosa Arabia, ambiciono conquistar-te para offerreco ao Senhor a tua myrrha e os teus incensos.»

Sob o reinado de Luis XV, as damas, que frequentavam a corte, adoptavam cada dia um novo perfume; de sorte que os saloes do palacio se achavam a um tempo embalsamados pelas suaves emanações do nardo e do voluptuoso amber. A variedade d'estes perfumes, a arte com que os se preparavam pelos vendedores, para que sua sequeza de leve fizessem o olfacto menos delirante, valiam aquella corte o nome de *corte perfumada*.

A partir d'esta epocha, tornaram-se os perfumes uma das necessidades do tocador. A arte dos perfumistas, que, mercê da chimica, tão brilhantes progressos tem feito, pode agora produzir os mais fugazes olores, para se offerreco á belleza como doce incenso queimado em suas aras. Mas...

Se a vellice não é a unica autorizada para dar conselhos, atrever-me-hei, não sem recelo, a dizer que nem a todas as edades convem os perfumes.

A meca bella e fresca da tez não se deve usar; dissimular com olores emprestados a delicada perfume da juventude é um anachronismo imperdoavel. Mas quando começam de murchar os attractivos naturaes, pode a mulher tirar d'elles vantagem, empregando, já se vê, muita arte e sobretudo moderação; não deve esquecer estas palavras do satyrico Martial: «Quomodo aromas, Gella, parece que se quebra um frasco de nardo ou de canella! Não, não quero que assim me enamores, mulher! pois da minha vontade depende o fazer que o meu odo exhale os mais suaves olores.»

A maior parte dos aromas porvém das folhas e das flores, essas encantadoras fillas da primavera que recebem ser o ponto de contacto onde veem a unir-se as affeições das classes extremas da sociedade, o rico e o pobre, o poderoso e o humilde; pois se o pastor adorna com flores o seu cajado, os reis aliteram com ellas o pium dos seus soberbos palacios.

Não ha festa sem ramos de palma, nem victoria sem coroa, nem poesia nem amor sem que se abram ou arranquem algumas flores. Adorna-se com flores o berço da creança recém-nascida, rodeia-se de grinaldas o altar do hymeneu, cingem-se com ellas a fronte para da desposada, e se se extingue um ser que não se care, tambem sobre o seu tumulo collocamos flores. E porque não? se ellas são o symbolo natural de todos os nossos sentimentos.

Não se sabe sob que forma se acham contidas as essencias nas corollas das flores. O que se pode affirmar é que não prezistemo geralmente na escita. A impossibilidade de resolver a questão attribua na variedade do phenomeno.

Ha flores que retêm os seus perfumes uma parte do dia e os deixam escapar na outra. Algumas derramam um aroma suave a certas horas, e de repente passam a exhalar um cheiro desagradavel. O perfume de certas plantas permanece occulto e só se desenvolve com o atrito, como as folhas do myrto.

A violeta e o minhocão, que emadé apresentam o phenomeno contrario; quando se esfregam com os dedos exhalam, em logar do proprio, um cheiro herbaceo. Enfin, certas plantas espalham ao longe as suas emanações, no passo que outras, como as rosas, se concentram.

Curioso devesse é o modo como affectam os sentidos as numerosas plantas que compoem o reino de Flora.

O cheiro do *nepeta catalpa* é tão sympathico aos gatos, que se torna quasi impossivel ver a sua cultura nos jardins da cidade; pois logo que estes animaes o adivinhavam, correm em massa a esparcar-se n'elles, e depois de se terem esfregado satisfatoriamente com as folhas, acabam, previas mil convulsões convulsivas, por destrahi-las com furor.

Os cães deilham-se em cheirar o *chrysopodium volensaria*; espoojam-se n'esta planta e o fétido cheiro que exhala embriaga-os a ponto que provoca n'elles secreções impetuosas.

Muitas flores, entre outras o arum, exhalam um cheiro analogo ao da carne

corrupta, de modo que as moscas e outros insectos da mesma familia, enganados pelo cheiro, se deitam a desparar n'ellas os seus ovos.

O viajante Pyrral diz ter encontrado nas margens do Amazonas uma planta cujo cheiro se assemelha ao de um *cordeiro* em ebullição; os indigenas chamam-lhe *olha de macaco*.

As flores embalsamadas dos jardins, que ao tanto prazem cheiramos, castigam frequentemente com dores de cabeça e outras indisposições a nossa avides pelos perfumes, e advertem-nos da solidiedade que devemos ser a inalação de olores suaves e penetrantes.

Nem todas as flores são nocivas no mesmo grau: pode dizer-se á priori que as mais nocivas pertencem ás familias das solanaceas, papaveraceas e umbelliferas. Nicholson provou, com uma serie de experiencias, que os cheiros que provem das corollas tem um effeito espadmodico muito sensivel e ás vezes perigoso, ao passo que os que dimanam dos talos e folhas não tem nenhuma acção nos nervos.

A exhalção do acido carbonico certamente não é a unica causa da nocividade das flores; outra existe que depende da propria natureza da planta e do seu cheiro. É a esta ultima que se devem attribuir os effeitos extremamente variados das flores na economia humana: umas excitam á alegria ou ás lagrimas, outras causam torpor ou provocam contrações musculares.

As moleculas odoríferas actuaem energicamente ao systema nervoso. Não se deve, contudo, attribuir aos aromas os phenomenos, mais ou menos raros, que apresentam certas mulheres hystericas ou alguns homens hypochondriacos, que creem alucinadamente na influencia periodica de uma certa flor ou de um certo cheiro. Semelhantes idéas fixas, que muito se approxima da mania, causa a esses individuos excitações nervosas, tremuras, convulsões e até syncope, mais ou menos longas, mais ou menos asquerosas.

O cheiro do anis causava vertigens a Voltair.

Uma senhora que em seu hospedeo, perdeu os sentidos com o cheiro do gado cabrum.

Uma nobre romana de nervos deliaados contava certo dia ao seu medico, que se achava a bordo de um navio, que esta flor era o seu pensamento, o seu inferno. Durante a conversação entrou uma amiga que levava um botão de rosa no penteado. A elegante senhora empallidoe immediatamente e depois de algumas contorções desfalco no sofá. «Já susceptibilidade nervosa! penso o medico; a senhora tem a mesma affeição que a minha amiga, e a senhora tem muito penitente para produzir tão violento accesso.» Depois de ter prestado os primeiros socorros á desmaiada, procurou despedir a indiscreta amiga, proibindo-lhe que fôra ella a causa do ataque de nervos; mas esta defendeu-se, arrancando a flor dos cabelos e entregando-a ao medico, para que elle se occupasse d'ella.

Então, das pessoas que alli se achavam, umas sorriram, outras encolherom os hombros: o fatal botão de rosa era artificial!

A arte do perfumista consiste principalmente em tirar ás plantas os seus aromas e transmitir os de diferentes preparações que tem por fim conservar e augmentar os encantos de que a natureza dotou a creatura.

A maior parte das plantas odoríferas cedem facilmente as suas essencias, destillando-as com agua, sob a forma de um liquido, umas vezes mais e outras menos pesado que a agua. Um certo numero, porém, e estas são geralmente as que offerreco as mais suaves fragranças, resistem a essa operação. Em tal caso emprega-se um subterfugio, que consiste em pôr as flores em contacto com azeite doce, o qual se impregna do aroma appetido. Para alcançar este resultado de um modo simples, faz-se uso de uma caixa em que se collocam horizontalmente, fôrçado e compartimentos, pedregos de pauco grosso; emborrem-se em azeite estes pedregos de pauco e cobrem-se com as flores, que devem ser varias vezes renovadas. Terminada a operação, é facil, expondo aquelles, obter um oleo muito perfumado que serve para dar aroma a maior porção, ou para preparar um extracto, baten-do com alcohol, deliaados e desandando-o.

Uma vez de posse das fragranças contidas nas flores, nada mais facil que fazer as diversas preparações usadas em perfumaria. Já falámos dos oleos. Dissolvendo as essencias em alcohol, obtivem-se os extractos. As pomadas e saboes perfumados, misturando-se com elles perfumes.

Os pós para a cutis, que devem ser feitos unicamente com arroz, e que, geralmente, correm falsificados com himbuto e até com alvaína e arsenico, expondem a um emvenenamento as pessoas que os usam, facilmente tomam qual-quer aroma que se lhes queira commutar.

Do que deixamos dicto conclue-se que é facil, com um poucochinho de curiosidade, preparar os perfumes indispensaveis ao tocador. Tambem é verdade que semelhante trabalho é superior, visto como ha quem entive especificamente a arte, adquirindo, como é natural, grande habilidade. Mas não se deve esquecer que hoje em dia com tudo se especula, até com o sentimento do bello.

O meu proposito n'esto artigo foi delatar esses reos de leas formosura e apresentar ao mesmo tempo um meio de pôr a coberto dos seus criminosos ataques, esses seducos cabellos, essas deliaadas orelhas, que nos deilham sim, mas a troco do nosso socego. Se esta minha generalidade fosse de algum modo recompensada!

É vos, leitores, a quem especialmente é dirigido este artigo, não duvideis que os meus desejos se achariam mais que satisfeitos, se em retorno de alguma utilidade que alle vos proporciono, me enviasses um só ohar que fosse, não d'esses cujo effeito irrevelto conhecido, mas de simples complacencia. Que isto não afrouxe o zelo de certa encantadora creatura que me entretenho; pois o amor ao bello engrandece o coração e refina, a bem dizer, o sentimento.

FRANCISCO DE ALMEIDA



O coração tem razões que a razão não conhece.

Um ser que teme tanto a morte devia necessariamente inventar a immortalidade.

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30

Paginas supplementares: O'Estreito Nunes & F.^{ms}
Rua d'Assumpção, 18 & 20

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lordê Tavares
Editor—Luiz Antonio Sanches
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125
Esd. telegraphica—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno	Moeda brasileira	Anno	Anno
Numero avulso	6 meses	6 meses
	30000	Numero avulso	300	Numero Avulso	300
	3000				

SUMMARIO

TEXTO

Atrevez da arte — do Brasil — GUEDES TEIXEIRA.
O novo ministerio brasileiro
O natal do imperador (1811) FRANÇOIS COPPEL.
Pensamentos.
Da musa alemtejana — última paç — CONDE DE MONSARAZ.
Fragmentos — JORGE DE CASTILHO.
O drágo de sensação — CAEL.
Pensamentos.
Política internacional — CONSIDERII PEDROSO.
Sentença de Salomão — (excerpto biblico) JOSÉ DA SILVA CARVALHO OSORIO.
Os Perfumes — FRANCISCO DE ALMEIDA.

GRAVURAS

DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA — Os seus funes fees no Rio de Janeiro — A saída do prestito. ROGOLFO SCHOMAKER.
O NOVO MINISTERIO BRASILEIRO — Dr. Rodrigues Alves, chefe do governo; — LAURO MULLER, ministro da viação; — Dr. Leopoldo de Bulhões, ministro da Fazenda; — Barão do Rio Branco, ministro do exterior; — Dr. José Joaquim Soares, ministro da justiça e interior; — Marechal Francisco de Paulo Argollo, ministro da guerra; — Contra almirante Julio Cezer de Noronha, ministro da marinha.
TIPO DE BELEZA.
ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA, Conde de Monsaraz.
VIAGEM DE EL-REI D. CARLOS I — Em Compiegne durante a caçada oferecida pelo Presidente da Republica — Castello de Compiegne — Alvos que serviram a El Rei — Castello de Dampierre — A partida de El-Rei D. Carlos I em automovel para a caçada de Dampierre — A chegada a Sandricourt, S. M. recebido pelos marquezes de Beauvoit — Castello de Sandricourt.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Bom conselho.
De nossos correspondentes.
Representantes do Brasil-Portugal.
O nosso abnanach

Bibliographia.
Cartas da Quinzena.
Deveria ella caçar?

ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto — Porto
Compagnie des Messageries Maritimes — Lisboa.
London & Paris — Lisboa.
Empreza Nacional de Navegação — Lisboa.
Villar d'Alen — Vinhos — Rio de Janeiro.
Cezar Pango — Lisboa.
Arvore do Natal — Lisboa.
Fonseca, Santos & Vianna — Lisboa.
Alfayateria Confiança — Lisboa.
Grande Hotel Metropole — Rio de Janeiro.
Banco Nacional Ultramarino — Lisboa
Bilhares de precisão — Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico — Lisboa.
Abnanach do Brazil Portugal para 1903.
Companhia Transatlantica de Barcellona — Lisboa.
João Cardoso — Lisboa.
Ultramarino — Lisboa.
Barão & C.^{ms} — Lisboa.
Livraria Moraes — Lisboa.
Estamparia do Bulhão — Porto.
Dr. Oscar Leal — Lisboa.
Fabrica S. Lourenço — Rio de Janeiro.
The Pacific Steam Navigation Company — Lisboa.
Escola Academica — Lisboa.
Cimento Portland, Lion & C.^{ms} — S. Paulo e Santos.
Viering & C.^{ms} Limitada — Lisboa.
Maison Nouvelle — Lisboa.
C. P. Vianna & C.^{ms} — S. Paulo.
Lemos & Filhos — Porto.
Ao Boticao Universal — S. Paulo.
Daniel Monteiro d'Abreu — S. Paulo.
Perfumaria L. Quarré — Rio de Janeiro.
J. L. Martins — Rio de Janeiro.
Fabrica Confiança de Gravatas — Rio de Janeiro.
Fabrica de ladrilhos hydraulicos — Rio de Janeiro.
Grande Hotel — S. Paulo.
Torres Carneiro — Rio de Janeiro.
Pianos de Pleyel — Rio de Janeiro.
Aguas de Carabafia — Lisboa.
La Union y El Fenix Español — Lisboa.

Casa Abreu — S. Paulo.
J. Amarante & C.^{ms} — S. Paulo.
Formicada Schomaker — Rio de Janeiro.
Atelier d'Ajtaite A. Couto — Lisboa.
Cimento Portland — S. Paulo.
Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.
Ferani Sobrinho & C.^{ms}, Joalheiros — Rio de Janeiro.
Veiga & C.^{ms} — Rio de Janeiro.
Angélio Simões — Rio de Janeiro.
Agencia Financiera de Portugal — Rio de Janeiro.
Aix Dames Elegantes — Rio de Janeiro.
A Rabeca de Ouro — Rio de Janeiro.
ed Brasileira — Rio de Janeiro.
Pore Royal — Rio de Janeiro.
Chapelaria Americana — Rio de Janeiro.
Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro.
Cincho Velhos Legitimos do Porto — Porto.
Fabrica de Tecidos e Piação — S. Paulo.
Companhia de seguros maritimos e terrestres Rio de Janeiro.
Casa Doux — Rio de Janeiro.
Arthur de Carvalho & C.^{ms} — Rio de Janeiro.
Arujo Veiga & C.^{ms} — Rio de Janeiro.
Ao ganha pouco — Rio de Janeiro.
Papellaria & typographia — Rio de Janeiro.
Martins, Vianna, Vaz & C.^{ms} — Rio de Janeiro.
Ferreirinha — Rio de Janeiro.

NA CAPA

Aguas minerais — Rio de Janeiro.
Garantia da Amazonia — Pará.
A notre dame de Paris — Rio de Janeiro.
Farinha, Carvalho & C.^{ms} — Rio de Janeiro.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queries? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Max agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão fransino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o Chocolate Brasil, que se fabrica no Molho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Proveem os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rui Pinto Bessa, 140.
 EVORA.—Agente geral em Evora e no Sul Eduardo Herculano Pereira, Praça do Gerardo, 15, 1.
 BENAVENTE.—J. N. B. Carvalho.
 PONTE DE LIMA.—Gama, Amara & Com.
 COIMBRA.—João Ribeiro Trolhas, Arco do Ivo, 13.
 OURELLO BAÇO.—Pedro Augusto Pessoa.
 ABRANTES.—Antonio Augusto Saigneiro.
 ELVAS.—João Antonio dos Santos Sobrinho.
 ALCOBACA.—José Narciso da Costa.
 FORTALEGUE.—Domingos da Guerra Conde Leria.—Mariano Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ.—Antonio Marques de Olive.
 VIANNA DO CASTELLO.—J. B. Domingues Cordeiro.—José Maria dos Santos.
 TAVIRA.—José Maria dos Santos.
 FAIO.—Maya & Trigoço.

No Estrangeiro

PARIS.—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 10.
 A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO.—(Agência Central dos Estados do Sul.) Coronel Theodoro Fago de Moraes e José Martins Follo, Rua de Alfindega, 4, sobrado.

Na India

NOVA GOA.—Antonio M. da Cunha.—Osea Luso Francisco.—Rua Afonso de Albuquerque.
 PERNAMBUCO.—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primo de Marco, 11.
 PARA.—J. B. dos Santos.—(Livraria Classica).—Rua João Alfredo, 50.
 MANGALÁ.—Jayme & Camara.—Livraria Clanton.—Rua Guilherme Moreira.
 MARANHÃO.—Leonio J. de Medeiros & C.
 CEARÁ.—A. Ferreira Braga.—Praça José Alencar 30.
 BAHIA.—José Luis de Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães).—Rua Direita do Palácio, 25.
 PELOTAS.—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
 PORTO ALEGRE.—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL.—Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).—Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE.—Julio Augusto Pinto de Carvalho.
 BEIRA.—Antonio Francisco Ribeiro.
 MORAMBUNDUS.—Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUEILIMANE.—Henrique Jorge de S. Nova.
 BENGUELLA.—Mathias & Ivaros.
 LOURENÇO MARQUES.—D. Bernardo Hailor da Bivreira de Lorena.
 S. THOME.—L. A. B. Alves Mendes.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam **Brasil-Portugal** os srs.:
 Abreu Irmãos & C.^a, em S. PAULO.
 Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
 Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Juazeira, n.º 1), em CAMPINAS.
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
 Rio Solimões.—J. C. Mesquita (casa Andressen)—MANAOS.

O NOSSO ALMANACH

Está já a venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Illustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa a côres, desenho do grande pintor Ramalho. Impresso em papel forte, abre com um *juízo do anno*, de Alfredo de Mesquita, illustrado pelo lapis humoristico de Celso Herminio, e ao longo das suas 128 paginas, não contando com as da secção dos annuncios que é variadissima, pela serie enorme de estabelecimentos brasileiros e portuguezes que n'ella figuram, encontram-se umas 200 photographuras nitidamente feitas nas officinas de Pires Marinho & C.^a

Acompanhando o *Calendario* de 1903, dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim.

Publica uma centena de adivinhações, logographos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, offerecendo a primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles, um volume encadernado do 4.º anno do *Brasil-Portugal*.

BIBLIOGRAPHIA

Vida Moderna.—Recobemos o 2.º numero da nova revista mensal de sciencias, letras e artes, que se publica em Montevideo. *Vida Moderna* é uma bella magazine illustrada, de perto de 300 paginas, em hespanhol, muito variada. Abre com um esplendido artigo sobre Zola, firmado por A. Nin Ravall. Dá em gravura o esboço para o monumento ao general Lavalleja, erigido em Minas a 11 de outubro d'este anno.

O Tiro Civil.—Esta revista fez agora uma edição de 50000 exemplares dos *artigos da Snassa*, que distribuiu gratuitamente como propaganda do tiro nacional.

Theatro Illustrado.—O quinto numero traz uma colaboração muito variada e os retratos da actriz Cecilia Machado e do actor Alfredo do Carvalho.

Esta publicação é do Porto.
Ti-Si-Tung-Kiao.—Está publicado o 5.º numero do 3.º volume da serie II, com gravuras e artigos de Antonio de Campos Junior, A. B. Pereira Nunes, Padre José Vicente Costa, Christovam Pinto e Christovão da Nazareth, etc.

Bêbê pergunta a tia.

—Isto é um gato, não é?

—E' sim meu filho.

—Então não come ratos?

—Come. E' para isso que nós o temos.

—Não come, não senhora: As gats é que comem ratos... e são os ratos que lhes fazem pegatinhos...

Compagnie des Messageries Maritimes

Paquebotes poste français

Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C.^a—1, Praça dos Remolares.

As passagens, carga e todos as informações tratam-se da Agencia da Companhia—37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

GUILHERME SILVA

Camisae, ceronlas, gravatas, collarinhos e punhos



Roupas bordadas e camizetas Enxovae em todos os generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

Empreza Nacional de Navegação

Carreira quinzenal

para a Costa d'África Occidental

Sabidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizete, Ambriz, Luanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 de cada mez para Santo Antonio do Zaire Ambrizete, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Príncipe

Rua da Prata, 8, 1.º

VINHOS

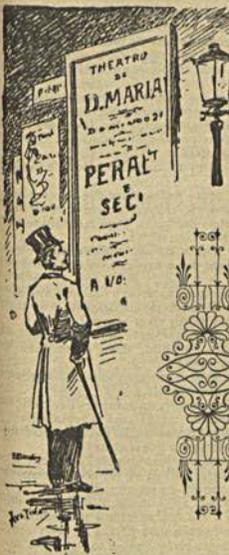
VILLAR D'ALLEN
 VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a

Rua 1.º de Marco, 59—RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA



Diario..... Cardoso Galvão
Clarinda..... Angelina Pinto
Celia..... Cecilia Machado

Bertha Desprésaux..... Laura Farreira
Joanna Desprésaux..... Elvira Santos
Madame La Tourette..... Estephania

D. Amélia. — Foi-se a companhia franceza e voltou a portugueza. Reprise do *Demi-Monde*, fazendo Lucilla o papel que foi uma das coréas de sua mãe.

O primeiro original agora a representar-se é o de Raul Brandão. Tem 3 actos, intitula-se *O maior castigo*, e está assim distribuido:

Anacleto, archeologo..... João Rosa
Estevão, velho militar..... Eduardo Brazão
O Doutor..... Augusto Rosa
Felizardo, archeologo..... Antonio Pinheiro
Pedro..... Henrique Alves
Ribeiro, professor de instrução primaria..... Christiano de Sousa
Demostenes Guerreiro..... Alvaro Cabral
Manuel, caseiro..... Francisco
Maria..... Laura Cruz
Maria Emilia..... Lucinda Simões
Flora..... Adelmia Abranches
A Morgada..... Elvira Costa

Depois entra em ensaios *Madame Flirt*, peça em 4 actos, de Raul Gavault e Georges Berr. Distribuição:

Anclim..... João Rosa
Rymundo..... Eduardo Brazão
La Cerda..... Augusto Rosa
Visconde de La Roche Fernan..... Christiano de Sousa
Max..... Henrique Alves
Baulet..... João Gil
O Poeta..... Chaby Pinheiro
Paulo Camaret..... Salles
Ribemont..... Bayard
Estevão..... Alvaro Cabral
Pigal..... Oliveira
La Tourette..... Senna
O criado do Club..... Lagos
Outro criado..... Silva
Fernanda de Varigny..... Lucilla Simões
Marcella..... Maria Palácio
Madame La Cerda..... Elvira Costa
Madame Baulet..... Maria Pia
Madame Ribemont..... Amelia O'Sullivan
Clementina..... Jesuina Saraiwa

Trindade. — Vae representar uma peça de costumes brasileiros, original do illustre chronista Arthur de Azevedo, *A capital federal* em 3 actos e 11 quadros, intitulada:

O grande hotel da capital federal; A Agencia de casas; O largo da Carioca; O bond electrico; A multa; O roceiro na rede; O baile de mascaras; O credor; Poetas decadentes; A paz na familia; Alvares Cabral (apothose).

A primeira representação annuncia-se para 13 de dezembro.

Gymnasio. — Continuum em ensaios o *Pá-pão*, comedia em 3 actos vertida do allemão pelo sr. Freitas Branco, para beneficio do actor Cardoso, e *As alegrias do lar*, em reprise para beneficio do actor Telmo. As distribuições de ambas sahiram já no nosso ultimo numero.

Avenida. — Continua tambem em ensaios o *Tutti mundi*, de Argus, fazendo Alfredo de Carvalho o *Comperé*, que é o *Zé Povinho*.

Rua dos Condes. — Em ensaios *O segredo da Morgada*:

D. Pantaleão Rosmaninho, corregedor, Santosinhos, *Isaías Vallares*, taverneiro, Carlos Santos, *José Pomba*, tandeiro, Neves, *Rogério* capitão de infantaria, Frago; *O commandante*, Conde; *Pedro*, creado da morgada, Maria Santos; *Rojina*, mulher do corregedor, Accacia Reis; *Gracinda*, sobrinha do corregedor, Delfina; *A morgada do rio Olva*, Izaura; *Condada*, mulher de José Pomba, Carlota da Fonseca.

Príncipe Real. — Segue com a recordação do antigo repertorio dramatico de Amélia Vieira. A empreza está em negociações para contractar a actriz Pepa que chega do Rio de Janeiro.

Colyseu dos Beccerios. — Os espectaculos monstrosos com o programma augmentado e o concurso das duas companhias que funcionam n'este e no Real Colyseu, deram o melhor resule tudo. Aos domingos, por exemplo, as enchentes tem sido calorosas. E continuar-se-ha...

D. Maria. — *Diana de Lys*, de Alexandre Dumas, filho, traducção do sr. Luiz Galbarido, que tem estado em scena estas semanas no theatro normal, agradou bastante. É uma peça antiga, talvez a menos afamada do grande drama francez, que a escreveu quando se comecou a discutir a questão do divorcio, mas o theatrologo como sempre brilhante, os personagens bem desenhados, a acção bem urdida, prende a attenção do espectador. O conjuncto dos actores de D. Maria, foi o mais harmonico.

Para 13 d'este mez está marcada a primeira representação da *Aventureira*, de Augier, traducção em verso de Coelho de Carvalho, que continua em ensaios, assim distribuida:

Monte Prado..... Augusto de Mello
Fabricio..... Fernando Maia
D. Annibal..... Ferreira da Silva
Horacio..... Luiz Pinto

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Presidentes dos Estados

Amazonas, dr. Silverio José Nery.
Pará, dr. Augusto Montenegro.
Maranhão, dr. Costa Torreão.
Ceará, dr. Pedro Borges.
Parahyba do Norte, dr. José Peregrino.
Rio Grande do Norte, dr. Alberto Albuquerque Maranhão.
Sergipe, dr. Josino Venezes.
Pernambuco, dr. Antonio Gonçalves Ferreira.
Alagoas, dr. Euclides Matta.
Bahia, dr. Severino Vieira.
Espírito Santo, dr. Moniz Freire.
Rio de Janeiro, dr. Quintino Bocayuva.
S. Paulo, dr. Bernardino de Campos.
Rio Grande do Sul, dr. Borges de Medeiros.
Goyaz, dr. José Xavier de Almeida.
Minas Geraes, dr. Francisco Salles.
Faltam Piauhy, Paraná e Matto Grosso, por estes termos podido saber os nomes dos presidentes d'estes Estados. Quanto ao de Santa Catharina, está vago pela nomeação do dr. Muller para ministro da viação.

— Qual é a differença entre firmeza e teimosia?
— Firmeza é a energia com que mantemos a nossa opinião; teimosia a energia com que os outros que nos combatem mantem as suas.

Cantares Gallegos

Carvalhos de *Carvalhido*,
Quando era rapaz deixei-vos;
Vim depois de muitos annos;
Já estamos velhos.

Passaram-se as alegrias
Que trouxa o tempo ledo;
A mocidade passou;
Já estamos velhos.

Eu tenho os cabellos brancos,
Vós tendes os galhos secos;
Os nossos dias passaram;
Já estamos velhos.

Penedos de *Pasarela*,
Quando vos vejo, penedos,
Suspiro de amor por ella.

Agora, meu coração,
Agora, pela noiteinha,
Pela manhinhinha, não.

Ninguém nos póde estorvar...
E' bem afastada e só
A Gandara de *Gundar*.

Não faças mais oração...
Porque de mim não te livram,
Nem Deus, nem o diámo, ni!

Trad. Fernandes Costa.

— Olha lá, dizia um capitão para o seu camarada, traze-me um ponche bem quente.
D'ahi a pedaço voltava o camarada com o ponche.

— Meu capitão, disse elle, o que me parece é que não está lá muito quente.
— O patife, como é que tu o sabes? Tu bebeste?

— O meu capitão, diz o camarada indignado, beber, eu! Era lá capaz? Metti o dedo.

DEVERIA ELLA CASAR?

As salas do consultorio do famoso doutor Hulm estavam cheias de gente. O costumado aspecto de tristiza espalhava-se pelas salas espaçosas e elegantemente mobiliadas; os costumados livros de litteratura estavam em cima das mesas; a usual falta de tudo que rescescesse ao brilho e á belleza impressionava o estranho com uma sensação de tristiza e de desolação; o lugubre silencio interior, que formava tão grande contraste com a agitação da rua e com o brilho do sol, era apenas quebrado pelo tic-tac do relógio, por algum suspiro de impaciencia, ou por uma

Diz um homem de sciencias que as moscas tem uma linguagem especial. Deve ser engraçadissimo ver uma mosquinha á borda d'um jarro de leite, dizer para outra mosca, mais grave, que não a possaeir no nariz de um sujeito;
— O' mamã, posso tomar um banho?

valente mas não bem succedida tentativa de travar uma conversação em voz baixa.

De vez em quando abria-se a porta, e a Soledade, na figura de um creado, soltava a sua voz, e como que convidando o proximo paciente a preparar-se para a execução, pronunciava o nome da feliz pessoa que devia ser introduzida á presença do oraculo que tinham vindo consultar.

Numa cadeira ao pé das janellas de cortinas pesadas estava sentada uma senhora, que parecia ter proferido, e communicar com os seus proprios pensamentos, a procurar distracção nos alegres volumes do *Charivari* ou a fortificar o seu espirito com o estudo de annuncios do *Jornal dos Debates* ou com os fascinadores mysterios do *Almanach Bottin*.

Esta senhora, que estava assim desperdiçando loucamente optimas occasiões de tempo e de se instruir na leitura, differia das outras pessoas que estavam na sala em estar isolada.

Se era velha ou nova, bonita ou feia, seria difficil decidir, porque a claridade do dia estava longe de ser brilhante, e ella tinha o rosto coberto por um espesso veu; mas a simples elegancia do seu vestido e uma indefinivel graciosidade dos seus modos bastavam para attrahir a despreocupada curiosidade das pessoas presentes.

Durante uma hora esteve ella assentada com toda a paciencia, com as mãos enluvadas cahidas descuriosadamente para a frente, parecendo igualmente inacessivel á fadiga de esperar e ao facto de que por esta inesperada demora estava elle correndo o risco de efformar inconveniencia.

O melancolico funcionario que presidia á cerimoniação iniciava estava de pé no limiar da porta, e com cara apouquetada annunciou o nome d'ella.

Ao ouvir-o, levantou-se e caminhou para a porta, sem nenhum signal de hesitação n'esse caminhar magestoso, nem indicio de palpitacão no coração, com o rosto pallido e com a cabeça magestosa erguida tão altivamente. Caminhou com passo firme, e estacou diante do homem de cuja sentença dependia aquillo que ella pressava mais que a vida.

— Bons dias! Tem a bondade de se sentar. A formula usual cahiu nos seus ouvidos com um abalo que quasi a assustou.

Tinham-se passado annos desde que ouvira aquella voz, e parecia-lhe ter-se passado apenas um dia desde que escutara os tons meigos, impregnados com uma accentuação que indicava uma longueta patria.

— Quer ter a bondade de levantar o veu? Com mão tremula accedeu ella, e descerrou á vista um rosto que, apesar da sua pallidez mortal, era formosissimo na sua sympathica pureza. Pareceu-lhe que o seu rosto não me é estranho, disse o doutor, meditando. Já esteve comigo alguma vez?

— Minha mãe era uma das suas doentes, respondeu ella, esforçando-se por fallar vagarosa e distinctamente. Sou Margarida Lorriemer.

— Lorriemer! Lorriemer! repetiu o medico, como que procurando nos escaninhos da sua memoria alguma reminiscencia que teimosamente se lhe escapava. — Ah! exclamou elle, de repente. Lorriemer de Marselha?

Ella curvou a cabeça silenciosamente. Uma expressão de infinita compaixão passou rapidamente pelo rosto insinuante do seu interlocutor.

— Recordo-me perfeitamente, disse elle, carinhosamente. Espero que não haja novidade, mademoiselle Lorriemer!

Dois vezes ella tentou fallar, mas debalde. Então reunindo toda a sua força de vontade, respondeu-lhe:

— Desculpe a minha estupidez, disse ella humildemente, mas tenho pensado tanto n'esta entrevista, tenho feito planos ha tanto tempo, que, agora, que cheguei a occasião, não tenho forças.

— Falle o mais devagar que quizer, replicou elle, serenamente. Não tente dominar-se em demasia. Não precisa ter coragem para vir ter comigo, bem sabe.

— Procurarei ser breve, disse ella agradecida. Preciso fazer uma pergunta. Deveria eu, não faço mal em casar? concluiu desesperadamente.

— Em casar? repetiu o doutor. Minha querida senhora...

Mas ella interrompeu-o.

— Minha mãe estava doida quando nasci, disse ella, com as faces coradas. Restabeleceu-se, e voltou para casa. Quando eu tinha doze annos vol-

tou-lhe a loucura, e tentou matar-me. Restabeleceu-se outra vez, e meu pai trouxe-a para casa. Mas apesar d'ella ser o nosso idolo, nunca esqueço o passado, e o terror que lhe era apenas compensado pelo intenso amor que eu lhe consagrava. Quando eu tinha deztoito annos fui acordada por uns gritos. Corri ao andar de cima, e vi-a estrangular o meu irmão pegueno. O doutor tratou-a sempre. Conhece o segredo dos meus cabellos brancos, embranquecidos com a agonia d'aquella terrivel noite? Conhece o esquelético familia — a maldição da nossa casa! Diga-me, faço bem em casar?

O medico assentou-se silencioso, observando o rosto pathetico, e os irrequietos e brilhantes olhos da pobre menina.

Margarida Lorriemer levantou-se, e ficou de pé diante d'elle.

— Sabe o que tem sido a minha vida nos ultimos doze annos? disse ella, com firmeza. Uma vida mortal! Todas as noites, quando me vou deitar, vejo todo o passado, vejo a creança louca, ouço os seus soluços dilacerantes, esforço-me por salvar o meu idolo, vejo o aeu rosto! Fez uma pausa estremecendo.

— Observo todos os dias se o demónio da loucura lampeja nos olhos da minha irmã, nos meus proprios olhos. Vejo meu pai com as suas esperanças perdidas, velho antes de tempo! — Vejo meu tio André brincando com uma boneca nos seus quartos d'um aylar particular! Preciso saber a verdade, ex lamou ella, — a dura, a amarga verdade! E' hereditaria esta maldição? Faça bem em casar?

O medico continuava silencioso, porque sabia perfeitamente queo grande alivio era a expansão de seus pensamentos, tão cuidadosamente escondidos de todos os outros.

— Minha irmã casou, disse ella, com alteração na sua meiga voz; os seus filhos gosam de muita saúde; e ella é feliz. Ha alguma razão para me sacrificar? Estou sempre serena, sempre tranquilla; arrango tudo; trato de todos os nossos negocios. Os logistas dizem que tenho esplendida cabeça para esses assumptos. Posso estudar e resolver difficeis problemas; posso... — Oh! doutor Hulm, exclamou ella, torcendo as suas finas mãos, enquanto as lagrimas lhe corriam a fio pelas faces, diga-me que não ha que recuar: diga-me que não vê razão nenhuma. — Nunca pensei no casamento, continuo ella, com desanimo; nunca pensei no amor; mas, oh! doutor, agora é diffidente! Luctei desesperadamente contra elle! li fiz tudo quanto podia para o dominar; fugi e luctei. Foi inutil! Disse-lhe que lhe havia de responder amanhã. E que devo dizer?

— Amo-o! exclamou ella, apaixonadamente, — amo-o com toda a minha alma! mas amo-o tanto que não quero arriscar a sua felicidade por amor dos meus desejos egoistas. Diga-me, tornou ella vivamente, diga-me a verdade, — a verdade! Devo casar?

O doutor levantou-se com um olhar perturbado no seu rosto intelligente e gasto.

— Minha querida senhora, disse elle, quasi ternamente, o que lhe posso eu dizer? Sabe tanto quanto eu lhe posso dizer. Póde viver até ser velha, e nunca soffrer o mais pequeno indicio de terrivel doente. Póde casar, e ainda nada lhe acontecer; mas alem d'isto não lhe posso garantir mais nada. A sua doença é hereditaria. Tem sido transmitida de geração em geração na familia de sua mãe. Sua irmã nasceu antes de sua mãe ter elleouquecido. Ha, portanto probabilidades a favor d'ella. Não posso aconselhá-la n'este ponto, minha querida senhora.

Margarida levou as mãos á cabeça como se tivesse levado uma pancada.

— Devo abandonar o meu elle, o medico dirigiu-se a ella, em muda sympathia, reconhecendo que era impotente toda a sua celebrada sciencia e pericia.

— Desejava poder-lhe dar melhor conforto, disse elle carinhosamente.

Ella voltou-se e olhou para elle, tendo nos brilhantes olhos a mais firme luz d'um inflexivel intento.

— Está tudo acabado, disse simplesmente. Agradeço-lhe a sua sympathia, doutor Hulm.

O medico pegou-lhe nas mãos e apertou-lha's cordalmente.

— E' uma mulher intrepida! disse elle com verdadeira admiracão.

— Sou uma mulher desgraçada! corrigiu ella, com a voz baixa. Deus me conceda valor para fazer o que hei de fazer. Muitos e muitos agradecimentos, doutor e adeus.

N'essa mesma tarde Margarida Lorriemer esteve com o seu namorado, escutando em muda ago-

nia os seus apaixonados argumentos, as suas insinacias, os seus protestos.

— Não accetto a sua resposta! declarou elle. Recuso receber essa resposta, a não ser que me diga que o motivo porque m'a dá é porque me não ama.

— Conhece-me decerto bastante, Rolando, disse ella vivamente, para poder ter a certeza de que não lhe heide querer dar desgostos desnecessarios? Não posso casar consigo! Com isto deve ficar satisfeito.

— Bonito rosto do mancebo corou de indignação.

— E' fria como pedra, disse elle em azedume. Não é digno de si que recorra a subterfugio como as outras mulheres. Diga-me porque é que não quer casar comigo?

— Não é digno de si, replicou ella brandemente, obrigando-me a explicações que não desejo dar.

— Oh! Margarida, disse elle com voz cava, perdê-me. Estou doído de desgosto e de amor! Sabe que não posso viver sem si?

— Já lhe disse que deve ser assim, disse ella, com canção. Rolando, deve deixar-me. Não posso soffrer mais!

Ella voltou-se e fitou os seus olhos ardentes no feroz rosto d'ella.

— Meu doce amor, murmurou elle, com infavel ternura, não me dá uma esperança?

— Nenhuma! replicou ella. Deixe-me Rolando! é inutil prolongar a nossa entrevista.

— Abandona-me para sempre, disse elle n'um tom de censura, e ainda me recusa um momento!

— Para sempre, murmurou ella.

— Não posso ver-lhe todos os dias, estar junto de si, ouvir a sua voz, apertar a sua mão, e não ser já para si senão uma pessoa do seu conhecimento! O mais certo é não a tornar a ver mais. Margarida!

Ella levantou os olhos para elle, e o vêr a sua dôr la destruindo a sua coragem.

— Se tem que me censurar, disse ella, com desanimado perdão-me!

— Censurar! repetiu elle desdenhosamente. Não pode vir que alguem a me. Nunca o esquecerrei, Margarida, nunca deixarei de a amar!

E' a sua ultima palavra, minha adorada?

Ella curvou a cabeça em silencio, sem poder fallar com a commoção.

Elle viu talvez consentimento no desgosto do seu rosto choroso, e talvez o seu desejo de não deixar a coragem, porque se curvou e beijou a linha da boquinha com ternura apaixonadissima.

— Va-vá! disse ella, ofegante.

— O céu a abençõe! murmurou elle. Soltou-se então d'ella, e deixou-a sem mais palavras.

Por um momento ella ficou immovel; foi-se depois embora vagarosamente, e procurou o sossego do seu quarto.

Ao fechar a porta, foi ás palpaladellas á janella, abriu-a e por-se de joelhos.

A sua estiva coberta de neve, brilhante na sua brancura, mas ella nem sentia o frio.

De repente estendendo os braços para o céu, exclamou em voz alta na sua angustia.

— O' Morte, gemeu ella, mal denominada a Rainha dos Terrores, vem depressa! Desejo que caíra nos teus frios braços, e dormir aquella morte de que sabemos que não se accorda! Decepõe a sua féria mão no meu rosto, e entorpecese triste coração no repouso eterno! Não demores mais, oh tu, poderoso ser!

O vento apressou de leste, e brincou com os seus anellados cabellos, e trouxe a elle as suas faces pallidas.

As brilhantes estrelas semeadas no limpidissimo céu olhavam indifferente mente para a terra; para o triste e levantado rosto da pobre menina.

Quando rompeu a frígida manhã, Margarida Lorriemer levantou-se da sua fatigada vigília, e com intrepida coragem affrontou o dia que despartava.

E assim vive ainda uma mulher cuja — adole meiga não alimenta nenhum pensamento que não seja bondoso, nem hum sentimento que não seja cheio de sympathia por todos que precisam d'ella.

HENRIQUE IVES.

— Um individuo casou com uma actriz, de christianismo indifferente. Dois amigos conversam.

— Sabe quem casou com Fulana?

— Fulano.

— E' um homem muito amavel. Pensa sempre nos amigos...

CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA
DE
SUAS Magestades e Altezas
E do Hospital de S. José e Avariz
CONSULTÓRIO
R. do Arsenal, 100, 1.
LISBOA

ARVORE DE NATAL
POR
Zuzarte de Mendonça
Para as CRIANÇAS
200 réis
Livraria Central — Rua da Praia.

FONSECAS, SANTOS & VIANNA BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120
← LIBOAA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Fanqueiros, 101, 1.ª

JAYME PIRES & COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confeccões para homens, senhoras e creanças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azues e em cores, de

65000 a 205000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 a 25000

Escolhido sobretudo em sobretudos, Double-capas e varinos d'Aveiro. Capas á hespanhola, fabrico especial da nossa casa, de

155000 a 255000

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: **CANDIDO AUGUSTO FERREIRA**

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do **CORCOVADO**

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



BANCO Nacional Ultramarino

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e
Loanda. Agencia em S. Vicente e
S. Thiago de Cabo Verde, Benguela,
Mossamedes, S. Thomé, Lourenço
Marques e nas principaes
terras do norte

Bilhares de precisão

COM A

Celebre tabeilla americana

MONARCH

PANNOS, TACOS, BOLAS
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tentos e Fitas

Para todos os jogos

Vista de José Alexandre de Senna

28 — Rua Nova do Almada — 30

(Casa fundada em 1834)

LISBOA Pipam e Catalogo Illustrado

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Médico de honra J. Mauperrin Santos
J. Silvestre d'Almeida

Instalção hydrotherapica completa; duas
salas de a. surt. para homens e senhoras, intelek-
tualmente e por dia e independentes; gabinete
de massagem e de massage. Massageur
e gynecologica medica, dirigida por C. de Somo-
zar. Tratam. de doenças nervosas e do estomago.

Horas de 9 de manhã e das 3 de tarde

ENTRADA: CALÇADA DO DUQUE, 20

CALÇADA DA GIZOIA, 18 LISBOA

Artigos de menage

JOÃO CARDOSO

62, Rua do Carmo, 64

Armazem de Novidades

TALHERES

Cafeteiras, manteigueiras, galhe-
teiros, etc.

Crystaes de mesa

Copos, garrafas, jarros em ser-
viços completos e avulsos.

LOUÇAS

Serviços de Jantar

Serviços de almoço

Padrões e moldes absolutamente
modernos de porcellana e faiança
inglesa.

Artigos de 1.ª ordem

Almanach illustrado

DO

BRASIL-PORTUGAL

para 1903

PAPEL DE LUXO-200 GRAVURAS

Está á venda em todas as livrarias do costume

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Bustore, Calcutta, Kiogo, Hong-Kong, Kurrachea, Manilla, Saigou, Shanghai, Sidney, Singapore, Suez, Yokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa. — Passageiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transborda em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico), Veracruz, New-Iork, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passagens trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.ª

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 10, 1.ª



COMPANHIA

DE

SEGUROS MARÍTIMOS

ULTRAMARINA

RUA D'EL-REI, 82, 1.ª

LISBOA

Esta Companhia effectua seguros exclusivamente marítimos a preços reduzidos.



BARÃO & C.ª
PELLEIROS

Felles e muitos outros artigos relativos a classe de pelieiro e correio, artigos de borracha, oleados para chão e couro-chou para camisas, malhas de todos os systemas e lãmanhã e de vime cobertas de couro o muito leves, manãs de viagem, cintos de couro e polimento para senhora e creanças, ditas para usos diversos.

Tingem-se e concertam-se capas de borracha e todos os artefactos de pelles. Fazem-se recortes a 10 réis o m. Lavam-se e tingem-se lãvas e pelles. Embalham-se animaes.

206, R. Augusta, 208, seq. — 60, R. d'Assumpção, 61

LISBOA

Bons livros baratíssimos

Album das glorias, honens d'estado, poetas, loralistas, etc. - tipos de salas, tipos de ruas, etc., por João Rialto, com bellos desenhos de Bordallo Pinheiro; 1 vol. enc. 2000 réis. Almanack de lembranças, anno 7200, fundado por Castello, de 1851-1900, 51 vol., bem enc. (collecção em perfeito estado) 15000 réis. As farras, chronica manual da politica, das letras e dos costumes, de Kamalho Orizão, 8 vol. enc. de amador, 8500 réis. Historia do infante D. Duarte, por Ramon Coelho, 2 vol. 2500 réis. Historia de Inglaterra, por Guizot, trad. de Maximiano de Lemos Junior, 4 vol. enc. 4800 réis. Historia Universal de Cesar Cantu, trad. de Antonio Nunes, 10 vol. enc. 18000 réis. Historia de Portugal, de Pinheiro Chagas, 8 vol. br. 3500 enc. 2800. Historia da Verdade de Coimbra, 3 vol. br. 3800 réis. Os dois mundos, illustração para Portugal e Brasil, 3 vol. ind. enc. 4800 réis. Historia de guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehende a historia diplomatica, militar e politica, desde 1777 até 1834, por Soriano, 10 vol. enc. 15000 réis. Os patos, publicação d'inspério á vida portugueza, por Falho d'Almeida, 6 vol. lindamente enc. 7800 réis. A illustração, revista de Portugal e Brasil, com a collaboração especial dos primeiros escriptores e artistas de Portugal e Brasil. O Inferno, poemas, por Dante, illustrado com grande quantidade de gravuras de Gustavo Durst, 1 vol. fol. enc. 7800 réis. Focas humanas, de Figueira, 1 vol. enc. 2500 réis. Vida da floresta, 2 vol. illustrados com 60 magnificos chromos, 4800 réis. A volta do mundo, jornal de viagens e de assumptos geographicos, por Theophilus Braga, Costa Lobo, Ricardo Jorge e outros, 3 vol. enc. 3500 réis. Vocabulario portuguez e latino, sicico, anatomico, architectonico, botânico, bútanico, braziliço, geographico, etc., pelo padre P. Raphael Bluteau, 10 vol. fol. enc. 12800 réis. Costumes e usas de todos os paes do mundo, por Waterloo, 3 vol. em perfeito estado, contendo grande quantidade de estampas o lãdas, 3800 réis. Histoire de la Restauration, por Lamartine, obra illustrada com 3 magnificos retratos, 8 vol. enc. 4800 réis. Boletim e annua do concelho ultramarino, Legislação antiga e actualisção novissima, 31 vol. enc. (perfeito estado) 8000.

Livraria Moraes

49, Rua d'Assumpção, 51 — LISBOA

Estamparia do Bolhão

Casa fundada em 1850

Praça Fernandes Thomaz, 128

PORTO



Fazendas de seda e algodão
NACIONAES e ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfalfas, julas, OLEADOS, PERFUMARIAS, MIUDEZAS etc

Dr. Oscar Leal. — Espedista em doçarias da beça, collocação de dentes e correção das deformidades nascaes. Consultório de 1.ª ordem 4. RUA DO CARMO, 35. 1.ª (OCELADO)

FABRICA S. LOURENÇO

LADEIRA DO FARIA Nº 2 E CASCADURA

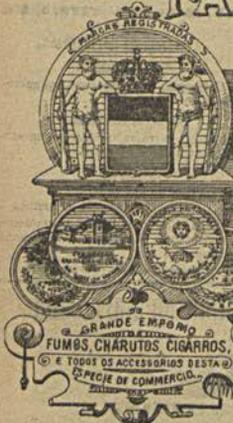
DEPOSITO CENTRAL
RUA DOS OURIVES
Nº 134



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LOPES, SA & C.ª

FABRICA DE PHOSPHOROS AURORA



The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.ª

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.ª

Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, lãxno e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Borden e Leith, etc.

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Maupeirin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa Medico dos Hospitales Civis

Ensina-se nesta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno

Portuguez
Francez
Inglez
Allemao
Arithmetica e calculo commercial
Calligraphia
Pratica de escriptorio

2.º Anno

Portuguez
Francez
Inglez
Allemao
Arithmetica e calculo commercial
Geographia geral
Calligraphia
Pratica de escriptorio

3.º Anno

Francez
Inglez
Allemao
Arithmetica e calculo commercial
Historia patria
Geographia commercial
Physica e chimica elemental
Historia natural elemental
Calligraphia
Pratica de escriptorio

4.º Anno

Francez Exercicios de redacção e de conversação
Allemao Contabilidade geral e escripturação commercial
Materias primas e especiaes commerciaes
Elementos de economia politica e legislação commercial e aduaneira
Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação, regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluem este curso, ser-lhes ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901

O DIRECTOR — **Maupeirin Santos.**

Endereço telegraphico LION CAIXA DO CORREIO
S. PAULO LION & C.ª N.º 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO

BRASIL E ALLEMANHA

ESCRITORIO: R. do Commercio, 3

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

SUPERIOR



RESISTENCIA

GARANTIDA

Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

LION & C.ª

S. PAULO E SANTOS

Brasil.

CAMBIO, LOTERIAS

E

Papeis de credito

VIERLING & C.ª Limitada

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, Praça do Municipio, 3

LISBOA

Compram e vendem pelos melhores preços do mercado moedas de ouro, prata, notas de todos os pazes, papel bancario á vista e a 90 dias sobre as principaes praças estrangeiras e todos os papeis de credito nacionaes e estrangeiros cotados em bolsa.

Descontam os juroz (coupons) internos e externos, vencidos e a vencer.

Satisfazem todos os pedidos de bilhetes ou fracções de loterias nacionaes, vindo acompanhados da respectiva importancia e desreza do coupon.

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccoes

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quilna das escadinhas de Santa Justa

C. P. VIANNA & C.^a

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.^a

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 31.

Endereço teleg.: — **VANINA**.

Código teleg.: — **RIBEIRO**.

R. do Commercio, n.º 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,
na cura das Eserophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitales, asylos e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensalado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.^a classe, Lemos & Filhos, Porto

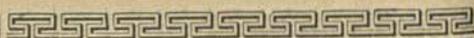
Telephone. 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogerias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS



Do Boticão Universal



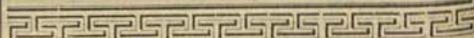
Primeiro Depósito
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO



DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

DO
PORTO

SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas
» 800 » » Hespanha
» 3,600 » » Italia e Syria
» Londres e Paris

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

As letras entregam-se immediatamente

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PAULO (BRASIL)

PERFUMARIA

L. Quarrré

Fama conquistada pela perfeição

DOS

PRODUCTOS

Preços de alguns productos:

Esmaltino, pó dentifricio, caixa.....	1\$000
Pó de arroz, caixinha.....	3\$000
Dito, dito, pacote.....	1\$500
Loções, frasco.....	3\$000
Amykos, elixir dentifricio, frasco.....	1\$000
Agua de quina, frasco.....	2\$500
Pó de sabão para barba, frasco.....	1\$500
Agua de Melissa, frasco.....	2\$800
Pasta dentifricia, boceta.....	1\$500
Brilhantina concreta, póte.....	2\$000
Dita liquida, frasco.....	7\$000
Oleo perfumado, frasco.....	2\$000 e 3\$000
Extractos para lenço, frasco.....	3\$000 e 3\$500
Agua de Colonia, frasco.....	4\$000 e 6\$500

LICORES SUPERFINOS

DELICIOSAMENTE PERFUMADOS

MEIO LITRO 3\$000

DEPOSITO: Rua Gonçalves Dias, 40

Rio de Janeiro

Chocolate

O MELHOR

que se encontra no

BRASIL

é o de marca

ANDALUZA

J. L. Martins

19, Rua dos Andradas, 19

RIO DE JANEIRO

Fabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico — GRAVATAS



J. AZEVEDO & C.^A

Largo de S. Francisco de Paula, 47B

RIO DE JANEIRO

FABRICA DE LADRILHOS HYDRAULICOS

E

Officina de Marmorista



MARMORE

EM

BRUTO, em TABUAS
e BLOCOS

CIMENTO

Ladrilhos de ceramica

ES

AZULEJOS

FORNECEDOR das mais grandiosas obras do Rio de Janeiro,
tanto em marmore como em ladrilhos

Endereço telegraphico: BARBOSA-RIO

Antonio Alves Barbosa

R. DA AJUDA, 37 E 26

RIO DE JANEIRO

Grande HOTEL TORRES CARNEIRO

Joalheiro



O mais conceituado e respeitavel para familias

No centro da cidade

Accomodações de luxo.

Ar, luz e conforto.

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO
CARLOS SCHORCHT

R. de S. Bento, 49. S. PAULO (Brasil).

Rua dos Ourives, 74-A

RIO DE JANEIRO

PIANOS DE PLEYEL

Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER



Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER

GAVEAU, BORD, SCHIEDMAYER, FRIED-BUSCHMANN e de outros autores

Todo e qualquer artigo para reconstrução de pianos—Vendas por preços modicos e garantidos

No conhecido estabelecimento de pianos e musicas. Oficinas para reconstrução de pianos, harmoniums e impressão de musicas.—Encaixotamento especial para os mesmos instrumentos.

ANTIGA CASA

BUSCHMANN & GUIMARÃES

MANUEL ANTONIO GUIMARÃES

Successores de Buschmann Guimarães & Irmão

Telephone n.º 449

50—Rua dos Ourives—50

RIO DE JANEIRO



LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL
Capital social 2.000.000.000 réis

De acciões 18 000.000.000 réis
PREMIOS RESERVADOS EXCELENTES
Registrao em todos os Estados
de que se trata

Equipar Atlantique & Union Maritime
de 1.ª e 2.ª classe para o Atlântico e o Mediterraneo
& para a Mananilha de vaporos acciões.

Directores—Lima Mera & Filhos
LISBOA.—Rua da Prata, 55, 2.º



DROGARIA

E

Perfumaria

DE

J. AMARANTE & C.^A

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas
nacionais e estrangeiras

Accessorios para pharmacias, vasilhames, etc.

Aguas mineraes naturais de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados
nacionais de *Silva Araujo*, *Wernech*, *Orlando Rangel*, *Granado* e *Freire de Aguiar*.

Completo sortimento de perfumarias dos
mais afamados fabricantes francezes, inglezes e
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

Formicida SCHOMAKER

NOVO INVENTO PRIVILEGIADO

Infallivel na destruição completa dos formigueiros pela produção continua de gazes após sua applicação.

O Formicida Schomaker não é sulfureto de carbono, como são todas as marcas de formicidas até hoje conhecidas. É um novo invento de fórmula inteiramente diversa e de effeito infallivel, como provam os attestados já publicados de agricultores competentissimos.

O contheúdo de uma lata de Formicida SCHOMAKER deve ser adicionado a 13 litros d'agua, produzindo assim cerca de 17 litros do poderoso formicida.

Logo que a lata seja aberta deve **IMEDIATAMENTE** ser despejada n'uma vasilha que contenha cerca de 13 litros d'agua, e ser constantemente agitado todo o liquido com uma varinha de madeira, a fim de ficar bem misturado.

Tendo-se de extinguir mais de um formigueiro, torna-se necessaria a agitação constante de todo o formicida á proporção que se fôr usando, para serem aproveitadas as substancias chimicas que possui.

O Formicida SCHOMAKER é o unico que, após sua applicação, trabalha por si, produzindo gazes toxicos em extraordinaria abundancia, muito pesados e de grande densidade, em produção continua e prolongada por mais de 60 dias, sendo natural e espontanea a dita produção de gazes, isto é, sem provocação artificial.

O Formicida SCHOMAKER vem substituir os antigos foles e as diversas machinas e prestar real serviço á lavoura, por destruir completamente os formigueiros onde fôr applicado de accordo com o modo de usar que se recommenda.

O Formicida SCHOMAKER é tambem magnifico adubo para as terras, por conter phosphoro, sendo o unico formicida que pôde ser manipulado com essa substancia, por ser privativa do seu privilegio.

Para evitar falsificações, previne-se que a lata de formicida SCHOMAKER minutos depois de vaziã começa a desprender fumaça, que são gazes de que a mesma ficou impregnada.

O Formicida SCHOMAKER

Está á venda em todos os Estados da Republica

Unicos depositarios

THEDIN, RODRIGUES & C.^A

R. General Camara, 11

RIO DE JANEIRO

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Cimento Portland



Qualidade superior garantida
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brazil)

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: aceitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 meses; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que se reive com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

FARANI SOBRINHO & C.º—Joalheiros



Rua do Ouvidor, 86-A — Rua dos Ourives, 68 — RIO DE JANEIRO

VEIGA & C.ª

104, Rua do Rosario, 104

CAFÉ E COMISSÕES

Sacam sobre o BANCO ALLIANÇA do Porto
e seus correspondentes e agentes
em Portugal, ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres
e concedem cartas de creditos

ESCRITORIO

104, Rua do Rosario, 104

TELEGRAMMAS—VEIGA

Rio de Janeiro

ANGELINO SIMÕES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transacções directas com as principaes praças
do Brazil e da Europa

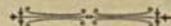
Vastos armazens nos novos predios recente expressamente edificados
para este ramo de negocio em larga escala



Rua do Mercado, n.º 81

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8



RIO DE JANEIRO

Ender. telegrap. ANGELINO

Caixa postal 1054

AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo Banco DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THE-SOURO PORTUGUEZ) em todas as capitaes de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O Agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

Aux Dames Élégentes

GRANDES ATÉLIERS

DE

COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passeio

Enxovaes para casamentos

Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

1. RUA DO THEATRO, 1

RIO DE JANEIRO



A BRASILEIRA GASPAR PACHECO & C.^a



PREÇOS SEM COMPETENCIA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

Exposições permanentes. Recebem-se novidades por todos os paqueotes. Grande estabelecimento de fazenda. Modas, novidades e armario. Esta casa tem sempre os mais modernos tecidos em todos os generos.

Largo de S. Francisco de Paula, 24
Ponto de BONDS de S. Christovam

RIO DE JANEIRO

ARMAZEM

DO

PARC ROYAL

M. NUNES & C.^a

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

RIO DE JANEIRO

PSYCHOLOGIA DO CHAPÉO

«O estylo é o homem! — Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéo: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéo!

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéo de forma vil, Amarrutado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!»

Mas quando alguem apparece Trazendo no cranéo, ao sol, Um chapéo que resplandece Que brilha como um pharol,

Um chapéo limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua fórma sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo Com vóo do Pensamento? Quereis ter um bom chapéo?

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéo ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

CHAPELARIA AMERICANA

133, R. DO OUVIDOR, 133

— RIO DE JANEIRO —

LIVRARIA

DE

Jacinto Ribeiro dos Santos

- LAFAYETTE. — Direito Internacjonal, 2 vol., 30000; Direito das Cozas, 1 vol. enc., 30000; Direitos de Familia, 1 vol. enc., 30000 réis;
- ITAGYBA. — Fozas Manifestacões de Direitos, 1 vol. broch., 15000, enc., 15000;
- BENTO DE FARIA. — Das Velleicacões (Lei n.º 85, de 16 de Agosto de 1924) annotada de accordo com a doutrina, a legislacão e a Jurisprudencia, 1 vol. broch., 2500, enc., 10000 réis; Nullidades em Matera Criminal, 1 vol. broch., 10000, enc., 12000 réis;
- CANDIDO DE OLIVEIRA. — Curso de Legislação Comparada (tambem se publicados to facculos) prepo de cada fasciculo, 15000 réis;
- JOAO VIEIRA DE ARAUJO. — Revisão dos Processos Penaes, 1 vol. enc., 15000; Codigo Penal Interpretado, 1 vol. enc., 40000 réis;
- VIVEIROS DE CASTRO. — Questões de Direito Penal, 1 vol. enc., 15000 réis;
- PAULA PESSOA. — Codigo do Processo Criminal, 1 gravao vol. enc., 30000 réis;
- LYRIO MARIZANO. — Casamento Civil, 1 vol. enc., 12000 réis;
- MORAES CARVALHO. — Praxe Forense, 2.^a edição annotada por Leiradio Ferreira Lopes, 1 vol. enc., 10000 réis;
- MENEZES. — Praxe de Inventarios, Partilhas e Contas, 1 vol. enc., 10000 réis;
- T. DE FREITAS JUNIOR. — Assessor Commercial, 2.^a edição, annotada e em accordo com a legislacão actual, 1 vol. enc., 15000 réis;
- SILVA COSTA. — Estado sobre a Sotiedade do Damno, 1 vol. enc., 6000 réis;
- MILTERMAYER. — Tratado da Prova em Matera Criminal, 1 vol. enc., 10000 réis;
- ALFREDO VARELA. — Direito Constitucional Brasileiro, 1 vol. enc., 8000 réis;
- LYRIO MARIZANO. — Casamento Civil, 1 vol. enc., 12000 réis;
- ALBERTO DE CARVALHO. — Cassas Celebres Brasileiras, 1 vol. enc., 15000 réis;
- JOAO RIBEIRO. — Historia do Brasil (curso superior), 1 vol. cart., 40000; Historia do Brasil (primaria), 1 vol. cart., 40000. Sertões Publicacões, 1 vol. broch., 4000; Versos, 1 vol. broch., 3000 réis;
- A. HERCULANO. — Lendas e Narrativas, 2 vol. broch., 3000, enc., 5000 réis;
- GARRETT. — Lendas, 1 vol. enc., 4000, broch., 3000 réis;
- CAMILLO C. BEANCO. — Amor de Perdicão, 1 vol. broch., 2000; Correspondencia com Vieira de Castro, 1 vol. broch., 4000 réis;
- TEIXEIRA E SOUSA. — Fidalgacão e Nobreza, 1 vol. broch., 2000 réis;
- DUMAS FILHO. — Iana das Camellas, 1 vol. broch., 2000 réis;
- ABADE PRESVOST. — Historia de Montes Leucout, 1 vol. broch., 2000 réis;
- RODRIGUES. — Rosa do Acre, 1 vol. broch., 1500 réis;
- DUMAS. — Code de Monte Christo, 1 vol. broch., 6000 réis;
- ALMEIDA. — Femina, 1 vol. broch., 2000 réis;
- LAFAYETTE. — Karibó, 3 vol. broch., 3000 réis;
- ROCHA. — Augusto e Olympia, 1 vol. broch., 2000 réis;
- FIGUEIREDO PIMENTEL. — O Terror dos Maridos, 1 vol. broch., 2000 réis;
- QUEIROZ JUNQUEIRO. — Morte de D. João, 1 vol. broch., 2000 réis;
- JULIO DINIZ. — Novellas da Tia Philomena, 1 vol. broch., 2000 réis; Apprendizes de uma Mãe, 1 vol. broch., 2000 réis;
- H. SCIENKESZ. — Que Vadia, 1 vol. broch., 2000; Os Cavalleiros da Cruz, 1 vol. broch., 2000; Sigamolo, 1 vol., 300 réis;
- THOMÉ DAS CHAGAS. — Novos Contos da Carochinha, 1 vol. cart., 2000 réis;
- FERRERIA. — Confidencio Nacional, 1 vol. com gravuras, 3000; O Rei dos Castelhanos, 1 vol. cart., 3000.

61, Rua Gonçalves Dias e S. José, 76

RIO DE JANEIRO



VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1866; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

Adresse telegraphico AZOUGUE
Codigo — Ribeiro

Caixa do Correo N.º 38
Telephone — 389

MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Autorizada a funcionar por carta patente n.º 2



Capital Réis 2.000:000\$000

Deposito no Thesouro Federal Réis 200:000\$000

Incorporada pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

BÉNAC, TEIXEIRA & C^a

(Successores de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)

ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de instalações de aposentos

RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. leleg. — BÉNAC

Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C^a

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO

FABRICA

DE

TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C^a

Escriptorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

GAIXA POSTAL 96.

Enderço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

BRINS e RISCADOS

RISCADOS

ARAUJO, VEIGA & C.^A

(Antigo Barros Araujo)

Armarinho, Modas e Perfumarias

Grande variedade de artigos de Armarinhos e Modas, lençóis, toalhas, e de todo e de fio d'Escocia. Artigos para pho-to-matizagem; e completo sortimento de artigos para bordar.



Recebem-se por todos os vapores novidades e estio vendendo a preços sem competencia.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua do Ouvidor, 84

RIO DE JANEIRO

AO GANHA POUCO

86, RUA DO OUVIDOR, 86—RIO DE JANEIRO

FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Tem sempre grande variedade em tecidos da mais ALTA NOVIDADE, immenso sortimento de roupas brancas para homens e senhoras

Enorme quantidade de roupa de cama e meza

Preços extraordinariamente reduzidos

VENDAS A DINHEIRO

Divisa d'esta casa: vender muito e ganhar pouco

M. FONSECA

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Importação directa

Preços rasoaveis

Pautação e Encadernação

Sellos, Guimarães & C.^a

Objectos para escriptorio e desenho

Livros para Escripuração

22—Rua do General Camara—22

RIO DE JANEIRO

MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^A e VIANNA, CASTRO & C.^A

Fabrica de marmelada

Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confeitaria

— Molhados — Velas —

Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ

Caixa postal — 484

154, Rua de S. Pedro, 155

67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

DA

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

de PORTO e REGOA

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815

(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. medicos para os anemicos, dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hotels, Botequins, Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.^a DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO

FONSECA & SA

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres